



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E GESTÃO DE
POLÍTICAS PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

MATIAS DAVIS ESCALANTE

**PERCEPÇÃO DE VALOR DOS CONSUMIDORES DE ALIMENTOS
HORTIFRUTIGRANJEIROS NAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS DA PONTA
NORTE E DA COLINA, BRASÍLIA-DF**

BRASÍLIA – DF

2023

Matias Davis Escalante

**PERCEPÇÃO DE VALOR DOS CONSUMIDORES DE ALIMENTOS
HORTIFRUTIGRANJEIROS NAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS DA PONTA
NORTE E DA COLINA, BRASÍLIA-DF**

Monografia apresentada ao Departamento de
Administração como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Administração.

Professora Orientadora: Me. Edilene Sampaio.

BRASÍLIA – DF

2023

Matias Davis Escalante

**PERCEPÇÃO DE VALOR DOS CONSUMIDORES DE ALIMENTOS
HORTIFRUTIGRANJEIROS NAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS DA PONTA
NORTE E DA COLINA, BRASÍLIA-DF**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de
Administração da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

Matias Davis Escalante

Me. Edilene Sampaio

Professora-Orientadora

Prof. Dr. Flávio Murilo Pereira da
Costa

Professor-Examinador

Prof. Dr. Jorge Luis Triana Riveros

Professor-Examinador

Brasília – DF, 24 de julho de 2023.

Dedico esta pesquisa à todas as camponesas que estão na linha de frente da transição agroecológica, especialmente aquelas com as quais mais dialoguei e troquei experiências de vida durante a elaboração desta pesquisa que fazem parte do Assentamento localizado no Canaã - Brazlândia, da Associação Agroecológica Mulheres da Reforma Agrária e da Comunidade Agroecológica do MST.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente às pessoas que dedico este texto, e outras pessoas que me apoiaram que seguirão de maneira não hierarquizada:

Ao Professor Flávio, que durante este semestre me apoiou nessa jornada curiosa de conhecer um pouco mais a Agroecologia, tanto em sala de aula quanto fora.

À Professora Edilene, por ter me acompanhado e apoiado através da orientação ao longo da elaboração desta pesquisa.

Às minhas amigas, que compreenderam - acho - minha ausência em encontros com a desculpa real de estar realizando esta pesquisa.

À minha família - Alba, Eduardo e Leilane - que me levantaram quando caí, me apoiaram com as tarefas de casa que deixei de realizar, trouxeram reflexões externas, dentre outras incontáveis contribuições que não cabem aqui, amo vocês.

À todas as pessoas colaboradoras da Universidade de Brasília - técnicas, professoras, servidoras, terceirizadas, estudantes, dentre outras - e ambiente da universidade, que me acolheu desde quando eu não era estudante e trouxe a oportunidade de estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Finalmente, a mim, que fez esta pesquisa acontecer, tamo junto.

*“Vejam como é que o Ograbiz desumaniza...:
Desmata Minas, a Amazônia, Mato Grosso...;
Infecta solo, rio, ar, lençol freático;
Consome, mais do que qualquer outro
negócio,
Um quatrilhão de litros d’água, o que é
dramático.
Por tanto mal, do qual vocês não se redimem;
Por tal excesso que só leva à escassez –
Por essa seca, essa crise, esse crime,
Não há maiores responsáveis que vocês.
Eu vejo o campo de vocês ficar infértil,
Num tempo um tanto longe ainda, mas não
muito;
E eu vejo a terra de vocês restar estéril,
Num tempo cada vez mais perto, e lhes
pergunto:
O que será que os seus filhos acharão de
Vocês diante de um legado tão nefasto,
Vocês que fazem das fazendas hoje um grande
Deserto verde só de soja, cana ou pasto?
Pelos milhares que ontem foram e amanhã
serão
mortos pelo grão-negócio de vocês;
Pelos milhares dessas vítimas de câncer,
De fome e sede, e fogo e bala, e de AVCs;
Saibam vocês, que ganham “cum” negócio
desse
Muitos milhões, enquanto perdem sua alma,
Que eu me alegraria se afinal morresse
Esse sistema que nos causa tanto trauma”
(Chico César).*

RESUMO

A alimentação exerce um papel fundamental na dinâmica dos ecossistemas naturais e sociais. No entanto, nos deparamos com um cenário de crise generalizada caracterizada pelo desequilíbrio dos ecossistemas naturais e socioeconômicos, potencializada por eventos como a primeira Revolução Industrial e Revolução Verde. Os problemas que se apresentam nessa crise são sistêmicos, e no caso da alimentação o sistema convencional se mostra, há bastante tempo, insustentável. Assim, traz-se à tona a urgência de soluções sistêmicas que possam combater diversos problemas simultaneamente, sendo a Agroecologia uma possibilidade para isso. Nesse contexto, as feiras agroecológicas se apresentam como um arranjo de comercialização que promove novas relações de valor entre consumidores e produtores, resultando em alternativas àquelas difundidas pela sociedade de consumo e ao sistema alimentar convencional. Esta pesquisa analisa a percepção de valor dos consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, localizadas em Brasília-DF. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada ao tema, foram investigadas as motivações dos participantes ao irem às feiras, descritos os benefícios e os custos da compra de alimentos hortifrutigranjeiros de bases agroecológicas e identificado o nível de conhecimento das pessoas entrevistadas sobre Agroecologia. O delineamento escolhido foi o estudo de caso de caráter qualitativo e exploratório, sendo realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com os consumidores, além da observação participante, optando-se pela análise de conteúdo na investigação dos dados secundários e primários. Verificou-se que a motivação está fortemente vinculada aos benefícios no consumo dos alimentos de bases agroecológicas, sendo os fatores mais comentados o apoio aos produtores e qualidades dos alimentos. Além disso, identificou-se uma tendência de menção maior aos benefícios que custos, considerando que os custos, principalmente o preço elevado dos alimentos, não se apresentaram como um obstáculo para os consumidores. Em relação ao conhecimento em Agroecologia, verificou-se que, apesar de haver alinhamento com a revisão da literatura, se apresentou predominantemente reduzida focando em aspectos específicos como o respeito e proteção à natureza, e cuidado da saúde. Assim, este estudo conclui que a percepção de valor dos consumidores nos contextos analisados se mostrou positiva, compreendendo as feiras como espaço de criação de novos valores simbólicos a partir da relação entre produtores e consumidores.

Palavras-chave: Agroecologia. Percepção de valor. Feiras agroecológicas.

ABSTRACT

Food plays a fundamental role in the dynamics of natural and social ecosystems. However, we are facing a scenario of generalized crisis characterized by the imbalance of natural and socio-economic ecosystems, exacerbated by events such as the First Industrial Revolution and the Green Revolution. The problems posed by this crisis are systemic, and in the case of food, the conventional system has been unsustainable for a long time. As a result, there is an urgent need for systemic solutions that can combat several issues simultaneously, and agroecology is one possibility for this. In this context, agroecological fairs present themselves as a marketing arrangement that promotes new value relationships between consumers and producers, resulting in alternatives to those disseminated by consumer society and the conventional food system. This research analyzes the value perception of consumers of horticultural food at the Ponta Norte and Colina agroecological fairs, located in Brasília-DF. To do this, a literature review was carried out on the subject, the motivations of the participants when they go to the fairs were investigated, the benefits and costs of buying agroecological-based horticultural food were described and the level of knowledge of the people interviewed about Agroecology was identified. The design chosen was a case study of a qualitative and exploratory nature. Individual semi-structured interviews were carried out with consumers, as well as participant observation, opting for content analysis in the investigation of secondary and primary data. It was found that motivation is strongly linked to the benefits of consuming agroecological-based food, with the most commented factors being support for producers and the quality of the food. In addition, there was a tendency for benefits to be mentioned more than costs, considering that costs, especially the high price of food, were not an obstacle for consumers. About knowledge of agroecology, it was found that, despite being in line with the literature review, it was predominantly reduced, focusing on specific aspects such as respect for and protection of nature, and health care. Thus, this study concludes that consumers' perception of value in the contexts analyzed was positive, understanding fairs as a space for creating new symbolic values from the relationship between producers and consumers.

Keywords: Agroecology. Perception of value. Agroecological fairs.

RESUMEN

La alimentación desempeña un papel fundamental en la dinámica de los ecosistemas naturales y sociales. Sin embargo, nos enfrentamos a un escenario de crisis generalizada caracterizada por el desequilibrio de los ecosistemas naturales y socioeconómicos, potenciado por acontecimientos como la primera Revolución Industrial y la Revolución Verde. Los problemas que plantea esta crisis son sistémicos y, en el caso de la alimentación, el sistema convencional ha demostrado ser insostenible desde hace mucho tiempo. Así pues, urgen soluciones sistémicas que puedan combatir varios problemas simultáneamente, siendo la Agroecología una posibilidad para ello. En este contexto, las ferias agroecológicas se presentan como un dispositivo de comercialización que promueve nuevas relaciones de valor entre consumidores y productores, dando lugar a alternativas a las difundidas por la sociedad de consumo y el sistema alimentario convencional. Esta investigación analiza la percepción de valor de los consumidores de alimentos hortofrutícolas en las ferias agroecológicas de Ponta Norte y Colina, ubicadas en Brasilia-DF. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica sobre el tema, se investigaron las motivaciones de los participantes al acudir a las ferias, se describieron los beneficios y costos de comprar alimentos hortofrutícolas de base agroecológica y se identificó el nivel de conocimiento de las personas entrevistadas sobre Agroecología. El diseño elegido fue un estudio de caso cualitativo y exploratorio, haciéndose entrevistas individuales semiestructuradas a los consumidores, además de la observación participante, optándose por el análisis de contenido en la investigación de datos primarios y secundarios. Se constató que la motivación está fuertemente ligada a los beneficios del consumo de alimentos de base agroecológica, siendo el apoyo a los productores y la calidad de los alimentos los factores más comentados. Además, se identificó una tendencia a mencionar más los beneficios que los costos, considerando que los costos, principalmente el alto precio de los alimentos, no parecen ser un obstáculo para los consumidores. En cuanto al conocimiento en Agroecología, se encontró que, a pesar de estar alineado con la revisión de la literatura, era predominantemente reducido, centrándose en aspectos específicos como el respeto y protección de la naturaleza y el cuidado de la salud. Así, este estudio concluye que la percepción de valor de los consumidores en los contextos analizados fue positiva, entendiendo las ferias como un espacio de creación de nuevos valores simbólicos a partir de la relación entre productores y consumidores.

Palabras-clave: Agroecología. Percepción de valor. Ferias agroecológicas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Consumo energético global (1800-2021).	24
Figura 2 – Interconectividade entre problemáticas da atualidade.	29
Figura 3 – Expressão matemática da relação de valor.	41
Figura 4 – Mapa da localização da Feira da Ponta Norte, Brasília-DF.	47
Figura 5 – Captura de tela da página de Instagram da Feira da Ponta Norte.	48
Figura 6 – Mapa da localização da Feira da Colina, Brasília-DF.	49
Figura 7 – Captura de tela da página de Instagram da Feira da Colina.	50
Figura 8 – Fluxograma do desenvolvimento de uma análise de conteúdo.	54
Figura 9 – Registro dos fatores por entrevista e categoria.	56
Figura 10 – Registro dos fatores, quantidade de respostas e respectivas entrevistas por categoria.	56
Figura 11 – Gráfico sobre as motivações dos consumidores na Feira da Colina (8 entrevistas).	60
Figura 12 – Gráfico sobre as motivações dos consumidores na Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).	62
Figura 13 – Gráfico sobre os benefícios do consumo dos alimentos da Feira da Colina (8 entrevistas).	64
Figura 14 – Gráfico sobre os custos do consumo dos alimentos da Feira da Colina (8 entrevistas).	66
Figura 15 – Gráfico sobre o valor do consumo dos alimentos da Feira da Colina (8 entrevistas).	68
Figura 16 – Gráfico sobre os benefícios do consumo dos alimentos da Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).	69
Figura 17 – Gráfico sobre os custos do consumo dos alimentos da Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).	70
Figura 18 – Gráfico sobre o valor do consumo dos alimentos da Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).	71
Figura 19 – Gráfico sobre o conhecimento em Agroecologia na Feira da Colina (8 entrevistas).	73
Figura 20 – Gráfico sobre conhecimento em Agroecologia na Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições de Agroecologia.	33
Quadro 2 – Conjunto de arranjos e canais de comercialização de produtos de bases agroecológicas.	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CO₂ – Dióxido de carbono

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

EUA – Estados Unidos da América

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MoV – *Management of Value*

ONU – Organização das Nações Unidas

PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

PIB – Produto Interno Bruto

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Contextualização do tema	15
1.2 Formulação do problema	17
1.3 Objetivos	18
<i>1.3.1 Objetivo geral</i>	<i>18</i>
<i>1.3.2 Objetivos específicos</i>	<i>18</i>
1.4 Justificativa	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	22
2.1 Alimentação e Agricultura: Contexto histórico	22
<i>2.1.1 Alimentação Pré-Revolução Verde</i>	<i>22</i>
<i>2.1.2 Revolução Industrial</i>	<i>24</i>
<i>2.1.3 Revolução Verde</i>	<i>26</i>
<i>2.1.4 Desafios contemporâneos relacionados à alimentação</i>	<i>28</i>
2.2 Transição Agroecológica	32
<i>2.2.1 Feiras Agroecológicas</i>	<i>35</i>
2.3 Consumidores, um ponto-chave	38
<i>2.3.1 Percepção de valor</i>	<i>40</i>
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	44
3.1 Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa	44
3.2 Caracterização do objeto do estudo	45
3.3 Seleção dos participantes da pesquisa	49
3.4 Descrição dos instrumentos de pesquisa	50
3.5 Procedimentos de coleta e de análise de dados	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	57

	14
4.1 Panorama geral da revisão bibliográfica	57
4.2 Motivação dos consumidores ao frequentarem feiras agroecológicas	59
4.3 Relação de valor da compra dos produtos	63
4.4 Nível de conhecimento sobre Agroecologia	72
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	76
REFERÊNCIA	78
APÊNDICES	84
Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturado	84
Apêndice B – Relatórios de campo	85

1 INTRODUÇÃO

A seguir são apresentados aspectos introdutórios, abarcando “o que” - considerando objetos, sujeitos e contexto - a pesquisa visa investigar e o “porquê” - verificando a relevância - da realização deste estudo, sendo dividido nos seguintes subcapítulos: (1.1) Contextualização do tema; (1.2) Formulação do problema; (1.3) Objetivos; e (1.4) Justificativa.

1.1 Contextualização do tema

A alimentação é fundamental para as dinâmicas estabelecidas nos ecossistemas nos quais os seres vivos e não vivos se relacionam entre si e com o ambiente (Capra; Luisi, 2014). Tratando dos seres humanos, segundo Harari (2011), com a revolução agrícola as comunidades humanas passaram a domesticar as plantas e estabelecer-se em territórios para desenvolvimento da agricultura. Porém, os ecossistemas que sustentam a vida na Terra, estão entrando em colapso devido à interferência humana (Capra; Luisi, 2014; Pinheiro, 2018), como alertado desde a primeira edição do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 1990).

Esse desequilíbrio foi potencializado com a Revolução Industrial, um período marcado pelo desenvolvimento de novas formas de gerar energia (Harari, 2011) e a industrialização da economia, que serviu de base para a economia moderna, pautada na crença do crescimento ilimitado, que se mostra inviável diante dos recursos limitados disponíveis (Capra; Luisi, 2014). Nesse sentido, para dar continuidade ao desenvolvimento era preciso industrializar o cultivo de alimentos (Harari, 2011; Hobsbawm, 1977), sendo situada a Revolução Verde. Este evento combinou a industrialização do campo com a produção de insumos químicos residuais de guerras, sistema não adaptado para o contexto dos países tropicais, levando à degradação dos solos globalmente (Altieri, 2004; Primavesi, 2003).

A conjuntura apresentada nos levou à domesticação dos nossos hábitos alimentícios, de consumo e produção, pela agricultura convencional, justificada falsamente pela fome global, que está pautada no paradigma do desenvolvimento a qualquer custo, sendo baseada no uso intensivo do solo, insumos químicos externos e monocultivo, apresentando-se insustentável no longo prazo (Gliessman, 2009). Evidências da insustentabilidade já haviam sido apresentadas em 1996, quando a primeira reunião mundial da alimentação promovida

pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) reforçou a preocupação com a insegurança alimentar e nutricional global e a necessidade de eliminação de formas de produção de alimentos não sustentáveis.

Com o agravante da pandemia da COVID-19 e a guerra da Ucrânia, nos aproximamos de uma crise alimentar e nutricional sem precedentes, como apontado no último relatório dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) de 2022 elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2022). Nesse sentido, com o aumento de quase 2% da desnutrição no mundo (FAO, 2022), prevê-se que essa situação se agrave com a conjectura de dobrar a demanda global de alimentos até 2050 (Pinheiro, 2018, p. 393). Ainda, a desnutrição e a fome são problemáticas sistêmicas intrinsecamente ligadas, já que potencializam e são agravadas por outras questões, como a desigualdade socioeconômica, sendo necessário pensar em soluções que também sejam sistêmicas (Capra; Luisi, 2014).

No contexto da agricultura, seria preciso transitar para uma agricultura capaz de alimentar o mundo que promova justiça social e cuide do ambiente, dependendo minimamente de combustíveis fósseis (Capra; Luisi, 2014, p. 392-393). Uma alternativa proposta é a Agroecologia, esta consiste em uma ciência, baseada na preservação da biodiversidade e no protagonismo camponês, que se apoia em princípios da ecologia, agronomia e socioeconômicos para a análise de tecnologias em relação ao ambiente, representando uma solução sistêmica para os sistemas agrícolas convencionais (Altieri, 2004, p. 23; Capra; Luisi, 2014, p. 432-441). Para isso, faz-se necessário transitar de um sistema para outro - que empodere o camponês para que ele possa exercer seu modo de vida ultrassocial e espiritual com o ambiente (Pinheiro, 2018, p. 413) - até o redesenho contínuo do agroecossistema (Altieri, 2004).

A partir disso, há diversos arranjos de comercialização - cada um com suas especificidades - que surgem em contribuição à mencionada transição, sendo as feiras agroecológicas um dos principais na realidade brasileira (Darolt *et al.*, 2016) onde predomina a venda de alimentos hortifrutigranjeiros (Gaia *et al.*, 2022). Promovendo o re-envolvimento, em contraposição ao desenvolvimento, entre consumidores e produtores (Darolt *et al.*, 2016; Dias; Révillion; Talamini, 2017), assim, as feiras promovem a criação de novas subjetivações, ou seja, valores simbólicos (Guattari, 2012), que se espera que devam estar alinhadas ao que se propõe na Agroecologia para o possibilitar o redesenho do sistema alimentar. Assim, faz sentido compreender o valor percebido pelos consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros vendidos em feiras agroecológicas, a fim de apoiar na avaliação da contribuição desses ambientes para a transição agroecológica.

1.2 Formulação do problema

A crise generalizada (Altieri, 2004), que abarca as esferas econômica, social e ambiental, composta por problemas complexos encadeados fundamentalmente a partir da Revolução Industrial (Capra; Luisi, 2014) não será facilmente superada. Enquanto sociedade, é preciso que todos os atores - governo, empresas, sociedade civil, comunidades tradicionais, dentre outros - compreendam a característica sistêmica do contexto que se apresenta (Capra; Luisi, 2014) e que o farol do desenvolvimento do *American Way of Life*¹ está ruindo (Sachs, 2000). Assim, devemos buscar nos re-envolvermos com a natureza para conseguir “adiar o fim do mundo” como apresenta Ailton Krenak em seu livro de 2019, liderança indígena do povo Krenak, intelectual, filósofo, sendo ainda intitulado Doutor Honoris Causa pela UnB.

Considerando o exposto na contextualização (1.1), sabe-se que a Agroecologia pode representar uma ideia para possibilitar visualizar um “nosso futuro” incomum, já que o comum não se demonstrou um “futuro para todos”². Hoje o sistema alimentar global é dominado pela agricultura convencional (Gliessman, 2009) havendo também indícios de outras agriculturas alternativas que não se apresentam como suficientes para alcançar o que é proposto pela Agroecologia como solução sistêmica, a primeira pela comprovada insustentabilidade e estas últimas por serem apenas partes do todo³ (Capra; Luisi, 2014).

No escopo do sistema alimentar, os consumidores representam um ponto-chave para exercerem forte influência, através de suas necessidades, na cadeia de suprimentos e consequentemente na proposta de valor gerada pelas empresas (Kotler; Keller, 2012). Porém, nas pesquisas de estratégia tem-se deixado de lado o valor simbólico percebido pelos consumidores (Ravasi; Rindova, 2013) que se mostra relevante considerando o poder do capitalismo moderno industrial na produção de subjetividade pelo marketing (Guattari, 2012).

¹ Menções ao *American Way of Life* estão baseadas nas reflexões de Layrargues (2018) que aponta esse estilo de vida, baseado na industrialização da economia e consumo exacerbado, como sendo capitalista e orientado por suas regras. Nesse sentido, com muito empenho para utilizar das propagandas massivas e sedutoras, o consumo passou a ser visto como fator de fortalecimento da nação. Porém, o autor reitera a transformação cultural que esse modo de vida propiciou, vinculado ao conceito de obsolescência planejada, que trata da produção de bens de consumo com ciclo de vida útil curto pré-concebido pelo mercado.

² Reflexão inspirada no Relatório de Brundtland “Nosso futuro comum” publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, para leitura do relatório original acesse: <https://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>. Acesso em 22 mai. 2023.

³ O todo refere-se à Agroecologia que é abordada pelos autores como termo unificador de diversas técnicas e práticas do manejo sustentável de agroecossistemas.

Na literatura investigada para esta pesquisa, predominam estudos sobre alimentos orgânicos (Dias *et al.*, 2015) que, diferentemente dos alimentos de base agroecológicas na qual são considerados amplamente aspectos ambientais e socioeconômicos (Altieri, 2004), representam apenas a não utilização de substâncias químicas, como agrotóxicos e fertilizantes químicos (Silva; Polli, 2020).

Apesar disso, a criação de subjetividade, no paradigma do desenvolvimento, pelos atores do capitalismo prejudica a germinação da subjetivação contra hegemônica (Guattari, 2012). Nesse contexto, as feiras agroecológicas se apresentam como espaços que podem apoiar na criação de novos valores simbólicos (Rossi; Brunori, 2017), através do re-envolvimento entre produtores e consumidores de alimentos, fundamentalmente hortifrutigranjeiros, de base agroecológica (Darolt; Lamine, 2017). Assim, analisar os valores simbólicos gerados nesses espaços, que a princípio difundem a Agroecologia direta ou indiretamente, se apresenta como relevante para a transição. Diante do discorrido, questiona-se: **Qual é a percepção de valor dos consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, Brasília-DF?**

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a percepção de valor dos consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, Brasília-DF.

1.3.2 Objetivos específicos

1. Identificar as principais teorias e conceitos relacionados à percepção de valor dos consumidores em relação a alimentos hortifrutigranjeiros em feiras agroecológicas por meio de uma revisão bibliográfica;
2. Investigar a motivação dos consumidores ao irem às feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, Brasília-DF por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado;

3. Descrever os benefícios e os custos apontados pelos consumidores das feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, Brasília-DF na compra de alimentos hortifrutigranjeiros de modelos de produção baseados na Agroecologia;
4. Descobrir o nível de conhecimento dos consumidores das feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, Brasília-DF sobre Agroecologia.

1.4 Justificativa

Como estudante, tenho me interessado pelos estudos sobre a articulação entre administração e sustentabilidade - caracterizada pela transdisciplinaridade - visando contribuir com o desenvolvimento de soluções para problemas sistêmicos (Capra; Luisi, 2014). Há menos de 1 ano, encontrei no tema da agricultura solo fértil para perseguir meu interesse, começando a consumir e participar ativamente de feiras orgânicas. Em um curso que finalizei no semestre passado, chamado *Systems View of Life* ministrado por Fritjof Capra, me foi apresentado o conceito de Agroecologia, sendo imediato meu encanto pela profundidade socioambiental.

Sabendo que no semestre seguinte iria realizar o trabalho de conclusão de curso, decidi buscar disciplinas que estivessem articuladas à Agroecologia para me apoiar na fundamentação científica, necessário para tornar mais familiar aquilo que para mim era novidade. Assim, me inscrevi na disciplina de Agroecologia ministrada pelo professor Flávio na Universidade de Brasília - Campus Planaltina. Além disso, comecei a frequentar semanalmente a feira agroecológica da Ponta Norte, e os mutirões realizados pelas agricultoras⁴ do Canaã, em Brazlândia. Nesse sentido, o objetivo de desenvolver soluções para problemas sistêmicos e o “despertar” para a Agroecologia são a base para uma justificativa mais pessoal para a realização da presente pesquisa.

Vinculado ao interesse pessoal, o contexto atual de crise generalizada (Altieri, 2004) cada vez mais grave no âmbito climático, alimentar, desigualdades, dentre outros aspectos, reforça a necessidade de nós, enquanto sociedade, buscarmos alternativas para assegurar a vida para as próximas gerações. Nessa busca de futuro, emerge o conceito de sustentabilidade, que engloba a equidade social, saúde ambiental, dentre outros aspectos econômicos e

⁴ Utilizo agricultoras, pois no contexto apresentado as atividades agrícolas são fundamentalmente realizadas por mulheres.

não-econômicos segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1988, p. 46-57).

Para se alcançar algum grau de sustentabilidade, uma necessidade imprescindível de ser atendida consiste na alimentação (CMMAD, 1988), tanto no aspecto biológico como cultural (Leonel; Menasche, 2017). No entanto, a agricultura convencional, predominante até o momento no mundo, se caracteriza pela sua insustentabilidade (Gliessman, 2009), sendo fundamental encontrarmos maneiras alternativas de alimentar a população global crescente (Ritchie *et al.*, 2023) e resolver as outras problemáticas relacionadas.

Para isso, a Agroecologia se apresenta como uma opção para garantir a sustentabilidade necessária do sistema alimentar, considerando as limitações da natureza e a justiça social (Capra; Luisi, 2014). Porém, não será imediatamente que o sistema alimentar passará do sistema convencional para um sistema de base agroecológica sendo preciso, antes, considerar a transição, como apresentada por Altieri (2004), que envolve uma série de etapas de redução e substituição de insumos químicos até o redesenho contínuo do agroecossistema.

Nesse contexto, faz-se necessário observar na cadeia que compõe o sistema alimentar a função dos consumidores para a manutenção das dinâmicas convencionais (Gazolla; Schneider, 2017). Na literatura examinada, apesar da iminência de estudos sobre o comportamento do consumidor, e o consumo, de alimentos orgânicos (Dias *et al.*, 2015) não há evidências suficientes de que estes consigam promover a transição agroecológica⁵, além disso, não foram encontrados estudos que articulem alimentos de bases agroecológicas com a percepção de valor dos consumidores.

Observa-se no contexto brasileiro a emergência de feiras agroecológicas que se posicionam de maneira singular nos arranjos de comercialização, especialmente de alimentos de base agroecológica, como um incentivo para a transição (Darolt; Lamine, 2017). Não obstante, é preciso buscar compreender o que orienta a satisfação das necessidades dos consumidores que lá compram, para assim pensar em como aproximar aqueles que não compram.

Nesse sentido, a motivação e o conceito de valor - evidenciando os benefícios e custos envolvidos na satisfação das necessidades (The Cabinet Office, 2010) - se apresentam como fatores interessantes de serem avaliados para compreender o comportamento daqueles que consomem alimentos de bases agroecológicas considerando a importância da dimensão

⁵ Um exemplo disso é a implementação de agriculturas orgânicas de grandes escalas em modelos de monocultivo, como exemplificado pelo plantio de açúcar no sertão paulista (O Joio e o Trigo, 2023), indo contra os princípios agroecológicos que prezam pela diversidade animal e vegetal nos cultivos, além da justiça social que implica em outras proposta de destinação das terras.

simbólica no contexto de dominação do capitalismo moderno industrial percorrido por Guattari (2012).

Diante do exposto, a presente pesquisa é justificada pela relevância do interesse pessoal do autor em contribuir para a busca de alternativas sustentáveis para a agricultura, em meio à crise global. Nesse contexto, a análise da percepção de valor dos consumidores de produtos de bases agroecológicas das feiras da Ponta Norte e da Colina se torna fundamental, uma vez que há uma lacuna de estudos que investiguem a articulação entre a agroecologia e o valor de consumo. Portanto, esta pesquisa visa preencher essa lacuna ao fornecer informações que apoiem a transição agroecológica e contribuam para a promoção de práticas mais sustentáveis na produção e consumo de alimentos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo é realizado um resgate histórico sobre a alimentação, orientada por eventos marcantes como a Revolução Industrial e a Revolução Verde, que desencadearam problemas complexos atuais que fazem emergir a importância de se pensar em alternativas sustentáveis. Na sequência é apresentado o conceito Agroecologia, a transição agroecológica, as feiras, como arranjos comercializáveis que apoiam a transição, e por fim a percepção de valor sob a ótica dos consumidores. Portanto, os subcapítulos correspondem a: (2.1) Alimentação e Agricultura: Contexto histórico; (2.2) Transição Agroecológica; e (2.3) Consumidores, um ponto-chave.

2.1 Alimentação e Agricultura: Contexto histórico

2.1.1 Alimentação Pré-Revolução Verde

Ao tratar sobre alimentação, a depender da formação, influências e vieses da pessoa leitora, o caminho provável de reflexão corresponde aos alimentos que nós, seres humanos, ingerimos diariamente. No entanto, compreende-se a alimentação como uma ação biológica, característica dos seres vivos, sejam estes autótrofos ou heterótrofos para obter energia e existir. Há também os seres não vivos, que se relacionam com os vivos no ambiente - composto pelo solo, minerais, água, luz, dentre outros elementos - mediante fluxos de matéria e energia formando o ecossistema, unidade básica da ecologia, em que a comunidade influencia e, é influenciada pelo mesmo (Capra; Luisi, 2014, p. 341-342).

Apesar disso, sabe-se que a interferência humana tem gerado uma série de mudanças negativas para os ecossistemas (Capra; Luisi, 2014, p. 362), impactando conseqüentemente nas funções cumpridas pelos meios de sustentação da vida. Conforme apresentado no livro *Homo Sapiens* do historiador Yuval Noah Harari, houve três revoluções que delinearam a história, e afetaram diretamente a dinâmica dos ecossistemas, a cognitiva, agrícola e científica (Harari, 2011, p. 13-14). Segundo o autor, um passo relevante para o desenvolvimento das três revoluções mencionadas refere-se ao momento em que as espécies humanas adquiriram maior domínio e passaram a utilizar o fogo cotidianamente, sendo possível cozinhar alimentos, apoiando assim na digestão e saúde por matar microrganismos que poderiam causar danos ao organismo humano (Harari, 2011, p. 22-23).

No contexto da alimentação, a revolução agrícola tem um papel central, já que representou a transição de um modo de alimentação baseado fundamentalmente na coleta para o plantio. Segundo Harari (2011, p. 22-23), as espécies humanas passaram a domesticar a vida, animal e vegetal, alterando sua maneira de habitar predominantemente nômade. A partir disso, elevou-se a necessidade de energia externa - entendida como qualquer insumo de fora do espaço geográfico do agroecossistema que foi inserido neste (Gliessman, 2009, p. 78) - para o cultivo desencadeando, segundo Sebastião Pinheiro (2018, p. 67-68): “um progressivo desequilíbrio na natureza”.

Assim, a agricultura, entendida como o cultivo de plantas, representa um ponto de inflexão para a relação humana com os ecossistemas - dando início a constituição de agroecossistemas, entendidos por Gliessman (2009) como ecossistemas modificados pelos humanos para produzir alimentos (Gliessman, 2009, p. 74-75) -, em especial para a produção de alimentos, além de outras consequências vistas a partir de perspectivas antagônicas por diversos pensadores (Harari, 2011, p. 112) que são apresentadas mais adiante.

Destaca-se ainda que, a partir da formação de agroecossistemas estabelecem-se novas conexões entre os entes sociais, que participam geograficamente do sistema ou não, com a natureza (Gliessman, 2009, p. 78). Havendo a possibilidade de se instalar em um local e cultivar alimentos, acrescido a condições ambientais favoráveis à sobrevivência, torna-se mais viável o crescimento populacional humano (Harari, 2011, p. 94), o que em termos ecológicos se mostra como um alerta para a cadeia trófica que envolve as relações de alimentação dos seres (Capra; Luisi, 2014, p. 343). Apesar de ser contada a história de que nos tornamos seres mais evoluídos com essa revolução, não se pretende apresentar isso como um caminho linear, apenas trajetórias tomadas pela humanidade descrita no livro “Sapiens” de Yuval Noah Harari, que deságuam, em paralelo a outras histórias, no estado atual que nos encontramos na vida na Terra.

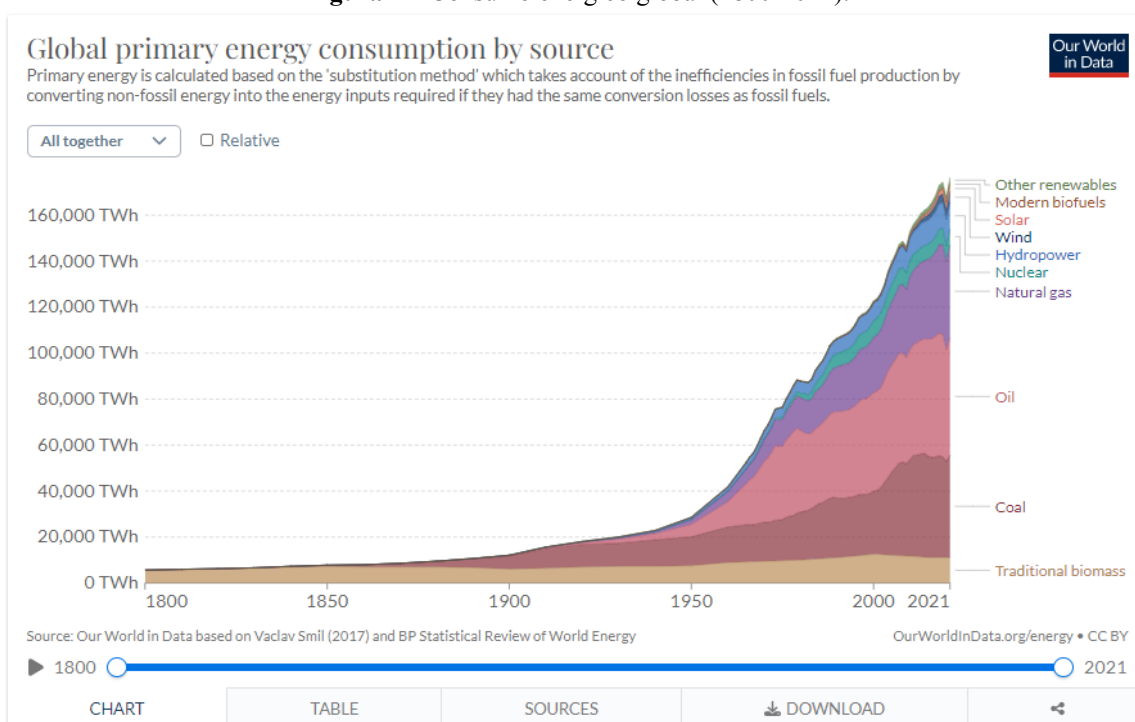
Não obstante, a alimentação ainda constitui, além da qualidade biológica, um elemento cultural que engloba perspectivas no espaço-tempo que caracteriza civilizações (Leonel; Menasche, 2017, p. 4). Por fim, como elemento tão representativo das sociedades, segundo Leonel e Menasche (2017, p. 10), o “comer” também carrega um sentido político que impacta no consumo e gera consequências amplas no sistema social, principalmente a partir da Revolução Industrial que elevou a dimensão dos mercados locais para o nível global e alterou a dimensão de valores dominantes da sociedade (Capra; Luisi, 2014, p. 47-48).

2.1.2 Revolução Industrial

Um breve salto histórico do contexto apresentado de origens da agricultura nos leva até o século XVII, em que novas formas de gerar energia, ainda com a utilização do fogo, foram se modificando para a chegada da máquina a vapor (Harari, 2011). Utilizada inicialmente na extração de água nas minas de carvão, a tecnologia foi sendo desenvolvida elevando sua eficiência para ser utilizada na produção têxtil e posteriormente em veículos, especialmente em locomotivas (Harari, 2011, p. 357-358).

Nesse sentido, temos como ponto de chegada a Revolução Industrial, que não ocorreu de repente, que foi produto de uma série de eventos que conduziram esse marco ímpar para a conversão de energia, já que anteriormente a disponibilidade conhecida de energia era ínfima quando comparada ao atual contexto energético (Harari, 2011, p. 359). Uma evidência do quanto significativa foi a Revolução Industrial no que tange o advento das novas formas de produzir e consumir energia é apresentado pela Figura 1, que mostra como o consumo energético, inicialmente constituído por biomassa tradicional, passou para outras fontes de energia a partir do carvão.

Figura 1 – Consumo energético global (1800-2021).



Fonte: Ritchie e Roser (2022a).

Os primeiros passos da Revolução Industrial ocorreram na Inglaterra próximo aos anos 1700 quando se iniciou a utilização da máquina a vapor para extrair água de poços na atividade mineradora, tecnologia que logo passou para a produção têxtil (Harari, 2011, p. 357). Nos anos seguintes surgiram gradualmente as bases da economia moderna, marcada por Adam Smith com o livro “A riqueza das nações” em 1776. Smith considerou que a “mão invisível” do mercado iria regular a oferta e demanda em benefício da totalidade, no entanto, essa ideia se mostrou uma inverdade, principalmente, com a desigualdade entre as classes. Smith também conjecturou que havia um limite para o crescimento econômico (Capra; Luisi, 2014, p. 50-51).

Nesse contexto, a partir de 1780 a industrialização da economia, inicialmente britânica e prioritariamente do algodão como matéria-prima, desencadeou no crescimento das exportações em detrimento do mercado doméstico (Hobsbawm, 1977, p. 59), elevando consideravelmente a demanda por energia, já que as distâncias entre produtores e consumidores são expandidas para se manter um mercado global interconectado (Capra; Luisi, 2014, p. 47-48). Destaca-se que tudo isso ocorreu às custas de muitos povos - e paralelamente culturas sociais e ambientais - que foram dizimados pelos movimentos colonizadores imperialistas⁶. Um marco do século XIX que possibilitou o alcance dos mercados internacionais foi o desenvolvimento do transporte ferroviário movido a carvão (Hobsbawm, 1977, p. 72-73).

Não obstante, o desenvolvimento dos grandes centros urbanos necessitava de trabalhadores para atender às expectativas da Revolução Industrial, sendo preciso captar operários do campo (Hobsbawm, 1977, p. 78). E, como consequência, substituir o trabalho humano no campo, que havia sido captado por máquinas para sustentar a demanda crescente. Antes da industrialização, a população camponesa representava cerca de 90% (Harari, 2011, p. 366), já em 2007 a população urbana ultrapassou a rural (Ritchie; Roser, 2022b). Apesar das dificuldades relacionadas à qualificação e adaptação destes trabalhadores ao modelo industrial urbano (Hobsbawm, 1977, p. 79), a experiência britânica desencadeou transformações similares que ocorreram ao redor do globo nos anos seguintes.

Segundo Capra e Luisi (2014, p. 50), já era anunciado por Adam Smith que seriam naturalmente construídas máquinas para facilitar o trabalho, porém também era sabido pelos proprietários dos negócios que, mais cedo ou mais tarde, o trabalho humano seria substituído por máquinas, seja nas cidades ou no campo. Não obstante, só seria possível dar continuidade

⁶ Um exemplo disso é apresentado por Harari (2011) sobre a colonização da Austrália e Nova Zelândia, em que houve uma redução de 90% da população local, além da opressão racial à que foram sujeitos.

e tração à formação da civilização moderna, que habita nas cidades e não mais no campo, caso fosse possível industrializar o campo (Harari, 2011, p. 366). Atrelado ao crescimento populacional, a industrialização da agricultura - com foco no mercado interno em um primeiro momento - representou a necessidade de adaptar a maneira como eram produzidos os alimentos (Hobsbawm, 1977, p. 77) para atender assim às demandas dessa nova sociedade.

2.1.3 Revolução Verde

Mesmo a Revolução Industrial sendo um marco ímpar na história, se observarmos desde a perspectiva de quando se acredita que surgiu a matéria (13,5 bilhões de anos atrás) ou até a dispersão dos sapiens há 70 mil anos (Harari, 2011, p. 9), a Revolução Industrial é recente (Capra; Luisi, 2014, p. 47). Considerando como ponto de início 70.000 anos atrás, os últimos 250 anos, marcados pela industrialização da economia, representam pouco mais de 0,35% do total. Nesse período, ocorreu também outro evento, chamado Revolução Verde, que alterou fortemente a alimentação da humanidade.

Em um primeiro momento, a modernização do campo estava mais restrita a trazer as tecnologias das fábricas para mecanizar o trabalho agrícola. No entanto, a segunda Revolução Industrial apresentou um novo caminho promissor com a indústria química, sendo que em 1840 Justus Von Liebig criticou a Teoria do Húmus⁷ e articulou todo um jogo de negócios para propor a fertilização química solúvel ocorrendo a apropriação pela indústria para vender fertilizantes sintéticos que continham elevadas concentrações dos três macronutrientes, o famoso NPK (nitrogênio, fósforo e potássio) (Pinheiro, 2018).

Nessa lógica, ignoram-se os micronutrientes e comercializam-se fertilizantes industriais que destroem o solo e todos os nutrientes lá existentes não contabilizados no NPK (Pinheiro, 2018). Inspirado por Liebig, John D. Rockefeller enxergou uma oportunidade de negócio para, apoiado pelas necessidades da guerra, unir a produção de NPK e a indústria movida a petróleo para dar os primeiros passos da agricultura convencional, e conseqüentemente da Revolução Verde (Pinheiro, 2018).

⁷ “Não se pode dizer que nenhum cientista agrícola, botânico ou químico tenha inventado esta teoria, embora ela tenha sido divulgada por Daniel Thaer (1752-1828), professor de agricultura na nova Universidade Prussiana de Berlim, de 1810 a 1818” (Brock, 2002, p. 146). Segundo Thaer, o húmus é uma substância orgânica derivada da decomposição de matéria vegetal e animal no solo que desempenha um papel vital na fertilidade do solo. Nos seus estudos, Thaer enfatizou a importância de manter uma proporção adequada de húmus no solo por meio de práticas de adubação e manejo adequado da produção agrícola (Brock, 2002).

Na segunda metade do século XX a industrialização química do campo, que já havia sido instaurada nos países colonialistas, também chamados de desenvolvidos, foi exportada, não apenas pelas empresas privadas, mas também públicas, para a América Latina dando início à Revolução Verde (Altieri, 2004). Apesar das denúncias que ocorreram no período, como fortemente evidenciado no livro “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson publicado em junho de 1962, a indústria química-agrícola e suas promessas de desenvolvimento se instalaram (Carson, 1962).

A autora Rachel Carson, já indicava desde 1962 que as substâncias químicas, produzidas por indústrias criadas para a guerra, pulverizavam indiscriminadamente não apenas infiltrando toda a vida animal e vegetal, mas também eram encontradas no leite materno (Carson, 1962, p. 29). Carson (1962, p. 35) chama a atenção para um aspecto que passa despercebido, o fato de que a massa corporal das crianças e a imunidade estão em desenvolvimento, sendo assim mais suscetíveis aos efeitos negativos da ingestão desses insumos químicos. Não menos importante é a sinalização de que as crianças não teriam como escolher (Carson, 1962, p. 35), questão que, embora não desenvolvida neste trabalho, possui uma perspectiva jurídica entrando em conflito com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

No Brasil, a ditadura militar (1964 a 1985) foi uma grande financiadora da industrialização do campo (Altieri, 2004), chamada de Revolução Verde, que ocorreu, a partir do uso da transferência das tecnologias da Segunda Guerra Mundial para a agricultura (Primavesi, 2003). Um fato historicamente significativo é que o Brasil começou a importar tecnologia de fertilizantes obsoleta dos Estados Unidos da América (EUA) na década de 1950 visando aumentar a produtividade e modernização do setor agrícola (Blaikie, 2016).

Segundo Gliessman (2009, p. 34) a agricultura convencional se baseia no “cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizantes inorgânicos, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas”. Esse modelo está associado à industrialização da agricultura, que ocorreu a partir da Revolução Industrial e se expandiu para os países da América Latina e Ásia em 1950, com foco na produtividade de curto prazo (Gliessman, 2009, p. 40)

Esse evento pode ser observado de uma maneira “positiva” para a agricultura industrial, no sentido de que alavancou o “desenvolvimento” da tecnologia dominante e da economia. Uma evidência é o “milagre econômico”, ou seja, o aumento expressivo do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro a partir de 1964 (Barbosa, 2020), sendo conhecido esse momento conhecido inclusive como “milagre econômico”. A Revolução Verde “preparou o

terreno” para o crescimento da produção de commodities (principalmente soja e milho), produtividade, produção, área plantada, créditos agrícolas, consumo de agrotóxicos, população urbana, dentre uma série de outros indicadores (Alves; Contini; Gasques, 2008).

Por outro lado, as externalidades da Revolução Verde, não contabilizadas no aumento do PIB, permitiram a ocorrência de uma série de problemáticas nos âmbitos sociais e ambientais. Nesse sentido, o aumento de emissões de gás carbônico, elevação da temperatura global, efeito estufa, degradação do solo, poluição da água, (Primavesi, 2003) e consequentemente impacto à biodiversidade e comunidades locais.

Apesar disso, a agricultura, graças ao elevado impulso tecnológico ocorrido durante a Revolução Verde (Gliessman, 2009, p. 33), elevou drasticamente a produtividade de commodities, como os cereais que entre 1961 e 2021 mais que triplicaram (*Our World in Data*, 2023). Esse aumento de produção tem acompanhado, sendo ainda mais exponencial, o crescimento populacional que também teve um “boom” a partir dos anos iniciais da Revolução Verde, aumentando de 3,07 bilhões para 7,91 bilhões entre 1961 e 2021 (Ritchie *et al.*, 2023).

2.1.4 Desafios contemporâneos relacionados à alimentação

Mesmo com a expressiva produtividade do sistema industrial de produção de alimentos, não se pode ignorar que “não existe almoço grátis”, sendo a natureza e as comunidades mais vulnerabilizadas que pagaram a conta. Estamos longe de solucionar os problemas socioambientais decorrentes da implementação dessa forma de se relacionar com a natureza, pelo contrário, estamos criando e aumentando cada vez mais novos problemas. Para Ailton Krenak (2020, p. 97) “A ecologia nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito, e, se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer este planeta todo”.

Segundo Gliessman (2009) a agricultura convencional, que visa potencializar a produtividade e lucro, foi estruturada em bases insustentáveis a longo prazo pela degradação da natureza e toda sua diversidade que sustentam a agricultura. Para o autor, o modelo convencional de agricultura promove a degradação do solo, desperdício e uso exagerado de água, poluição do ambiente, depende altamente de insumos externos, gera a perda da diversidade genética, promove a perda do controle local sobre a produção agrícola e eleva a desigualdade global (Gliessman, 2009, p. 40-50). Para demonstrar visualmente a

interconectividade dos problemas, não apenas causados pela agricultura convencional, resgatou-se a Figura 2.

Figura 2 – Interconectividade entre problemáticas da atualidade.

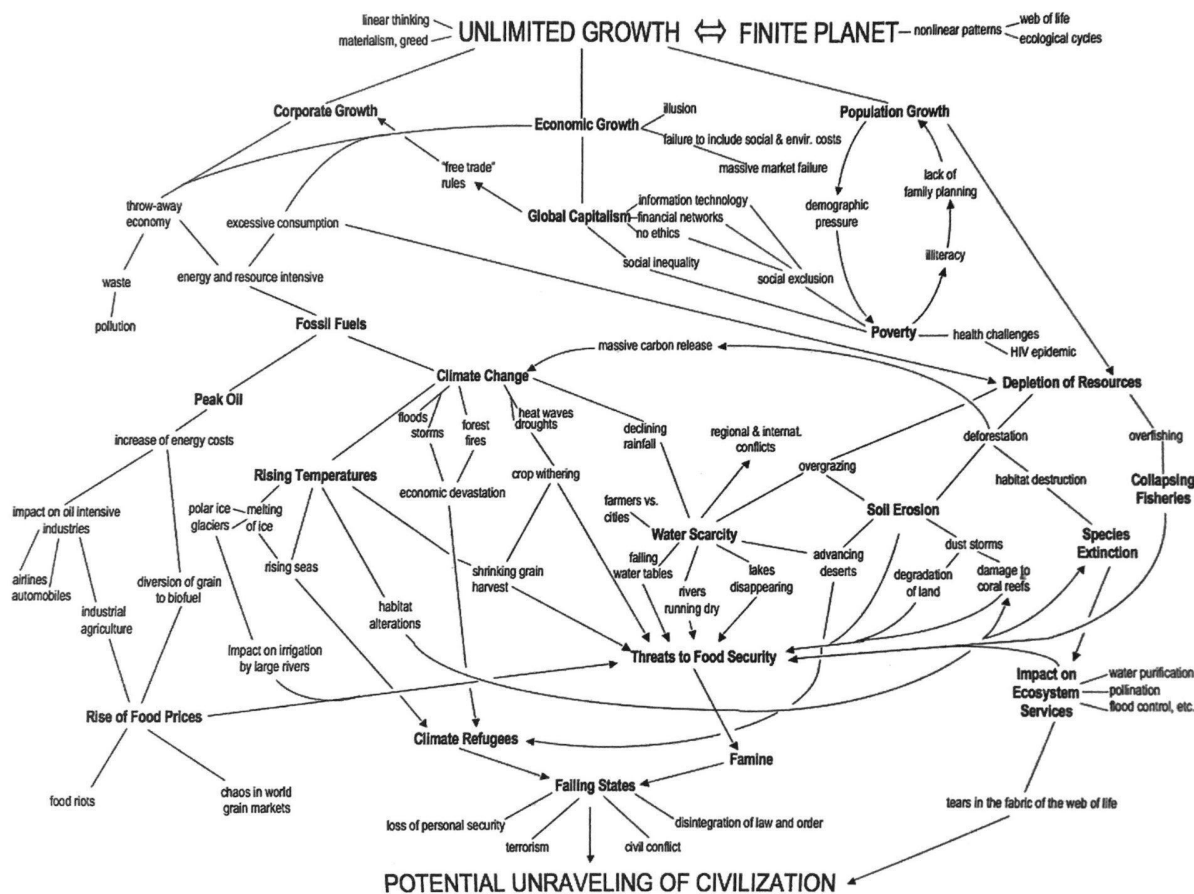


Figure 17.1 Interconnectedness of world problems (based on Brown, 2008).

Fonte: Brown (2008) *apud* Capra e Luisi (2014, p. 364).

A questão evidenciada neste contexto, revela que um problema, independente da dimensão de impacto inicial expresso pelo mesmo, pode não gerar consequências facilmente perceptíveis no curto prazo e pode estar vinculado a uma série de outras problemáticas imprevisíveis. Essa questão é agravada quando observamos o potencial de destruição da humanidade pela própria humanidade, como demonstrado no início do século XX pela Primeira e Segunda Guerra Mundial (Capra; Luisi, 2014). As crises mencionadas no livro “Agroecologia” de Miguel Altieri, bem como os respectivos desafios impulsionados pelas Guerras Mundiais, continuam atuais e a necessidade de soluções para contorná-las torna-se cada vez mais urgente (Altieri, 2004).

Sobre a crise ambiental, os níveis de concentração de Dióxido de carbono (CO₂) e outros gases de efeito estufa na atmosfera estão cada vez maiores, assim como as mudanças

elevadas de temperatura (Steffen *et al.*, 2004). Outros desafios relacionados à crise ambiental referem-se ao uso indiscriminado e crescente de agrotóxicos acrescido ao registro, ambos elevados exponencialmente a partir de 1990 no Brasil, que acarreta uma série de problemáticas para a saúde do ambiente e todos os seres vivos e não vivos que fazem parte deste (Moraes, 2019).

A crise social segue cada vez mais complexa e os abismos sociais mais profundos, como reforçado pelo relatório mundial sobre as desigualdades elaborado por Thomas Piketty (autor de “O Capital no século XXI) que menciona que os 10% mais ricos concentram 78% da renda mundial (Chandel *et al.*, 2023). Já no Brasil, o nível de concentração de renda é assustador, os 1% mais ricos concentram 28,3% da renda segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2019 elaborado pelo Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2019).

No que tange a crise econômica, percebe-se que os países chamados de “desenvolvidos” se destacam no quesito inovação, segundo a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI, 2022), priorizando a pesquisa e desenvolvimento (P&D) e tecnologia que no sistema em que vivemos são indicadores de progresso, já os países chamados “subdesenvolvidos” tendem a ter elevada dependência no mercado de commodities segundo informações apresentadas pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2023). Diante disso, a expectativa é que cada vez mais as externalidades provocadas pela busca do desenvolvimento desenfreado gerem impactos negativos para o sul global, caracterizando uma crise generalizada (Altieri, 2004).

Ainda sobre o desenvolvimento, é pertinente analisar a composição da palavra “desenvolvimento”. Assim, podemos separá-la de modo que resta “des” e “envolvimento”, com isso, não seria o desenvolvimento algo que nos afasta, como abordado por Bona e Ribeiro (2018) que trazem o uso do prefixo "des" como frequentemente transmitindo um sentido de negação, do envolvimento com algo.

O conceito de desenvolvimento carrega consigo uma história com mais de 70 anos que marcou uma era (Sachs, 2000, p. 11) e, ainda assola nosso presente e perspectiva de futuro. Associando o desenvolvimento a um farol, Wolfgang Sachs no livro “Dicionário do desenvolvimento” discute essa ideia como uma meta, construída após a Segunda Guerra Mundial e idealizada pelos EUA, que estabelece a dicotomia entre norte (desenvolvidos) e sul (subdesenvolvidos).

Para a ONU o desenvolvimento consiste em um esforço complexo para aprimorar o bem-estar de todos⁸. Os questionamentos que ficam a partir da definição apresentada pela ONU são “quanto custa (não apenas financeiramente) esse esforço?”, “espera-se aprimorar o bem-estar de quais todos?” e “que noção de bem-estar é essa tão universalizada?”, já que apesar do discurso, nos deparamos com um efeito de inércia que produz a relação entre desenvolvimento e bem-estar. Isso, impede de observar os atritos e as contradições que permeiam essa relação.

O filme “Dirt!” (Dirt!, 2009) aponta uma série de evidências da outra face do desenvolvimento como um empreendimento mal concebido (Sachs, 2000, p. 14), que tem transformado o solo em deserto, os cultivos diversos em monocultura, a heterogeneidade em homogeneidade. Nesse cenário complexo, a alimentação - como algo fundamental da vida - ganha posição central para compreendermos que caminho estamos trilhando, considerando questões como a situação cada vez mais grave de insegurança alimentar e nutricional nos países chamados “subdesenvolvidos”.

Um fato que reforça a inquietação mencionada anteriormente consiste na expectativa de aumento populacional, em que se espera atingir 9 bilhões de pessoas em 2037, chegando ao pico de mais de 10 bilhões em 2083 (Ritchie *et al.*, 2023). Uma enorme preocupação relacionada às perspectivas de crescimento populacional refere-se à alimentação, já que a fome segue sendo um problema que afeta muitas pessoas, principalmente pela má distribuição, e certamente seria agravada caso existissem ainda mais pessoas. A FAO comenta que a prevalência de desnutrição global aumentou de 8,0% para 9,3% entre 2019 e 2020, permanecendo crescente em 2021, atingindo 9,8% (FAO, 2022). Destaca-se ainda que o problema da fome é agravado e agrava uma série de outras questões, como a desigualdade e a crise econômica (ONU, 2022, p. 28).

Nos deparamos com o contexto de uma crise civilizatória sem precedentes, em que não basta manter o sistema como está e realizar mudanças pontuais acreditando que será possível reverter, mas considerar a complexidade das transformações multifacetadas necessárias para vislumbrar um futuro diferente (Acosta; Brand, 2018). Nesse contexto, há algumas alternativas não prescritivas que se demonstram interessantes para fundamentar um discurso não desenvolvimentista contra hegemônico, como o decrescimento, pós-extratativismo e o bem-viver, para sustentar a proposta de um novo paradigma (Acosta; Brand, 2018).

⁸ A conceituação de desenvolvimento para a ONU está disponível no link a seguir: [https://research.un.org/en/docs/dev#:~:text="Development%20is%20one%20of%20the,reinforcing%20components%20of%20sustainable%20development](https://research.un.org/en/docs/dev#:~:text=). Acesso em 29 abr. 2023.

Considerando o exposto, no que concerne às problemáticas sistêmicas apresentadas, faz-se necessário planejar e implementar soluções sistêmicas que possam resolver diversos problemas simultaneamente (Capra; Luisi, 2014).

2.2 Transição Agroecológica

No que se refere às problemáticas sistêmicas apresentadas anteriormente, Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi (2014) exemplificam as possibilidades de soluções sistêmicas a partir do contexto da agricultura. Já que, se mudarmos o modelo de agricultura convencional, que envolve o uso de substâncias químicas e opera em larga escala industrial, para uma agricultura orgânica e orientada à comunidade, seria possível reduzir a dependência energética, combater as mudanças climáticas e promover melhorias para a saúde da população (Capra; Luisi, 2014, p. 392-393).

Como alternativa de solução na questão da agricultura, os autores sublinham a Agroecologia como “termo unificador” de uma série de técnicas, trazendo princípios ecológicos que orientam práticas que representam uma solução sistêmica (Capra; Luisi, 2014, p. 432). Sendo proposto o termo Agroecologia em 1930 (Moreira; Carmo, 2004), o conceito de 'ecossistemas' ajudou a aproximar a agronomia da ecologia, levando à integração gradual dessas disciplinas no campo da Agroecologia (Gliessman, 2009, p. 55).

O paradigma da Revolução Verde impulsionado por inovações tecnológicas, motivou a emergência das autoridades do tema. Uma destas é o agrônomo chileno Miguel Altieri, que aborda a Agroecologia como uma ciência, pautada na preservação da biodiversidade, que “integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo” (Altieri, 2004, p. 23). Destaca-se ainda que na Agroecologia, o camponês é protagonista do manejo e cuidado sustentável do agroecossistema (Altieri, 2004).

Nesse contexto, o conceito de Agroecologia foi, e continua sendo investigado por diversos autores, organizações, dentre outros atores sociais ao longo do tempo a partir de diferentes óticas. Não se espera que haja uma definição única, mas a partir da exposição de algumas, podemos encontrar pontos convergentes e divergentes para apontar um conceito que seja complementar (Sousa; Lima; Sabioni, 2021, p. 101), que se sustenta na literatura recorrida e apoia a intenção desta pesquisa. Assim, são apresentadas no Quadro 1 diversas definições de Agroecologia.

Quadro 1 – Definições de Agroecologia.

Autor(es)	Definição
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação	“abordagem holística e integrada que aplica simultaneamente conceitos e princípios ecológicos e sociais para o desenho e gestão de sistemas agrícolas e alimentares sustentáveis” (FAO, 2023).
Centro de Agroecologia e Sistemas Alimentares Sustentáveis da Universidade da Califórnia	“estudo integrador de todo o sistema alimentar, abrangendo as dimensões ecológica, econômica e social” (CASFS, 2023).
Stephen R Gliessman	“à ciência de aplicar conceitos e princípios ecológicos para o design e a gestão de alimentos sustentáveis” (Gliessman, 2009, p. 18)
Luiz C. P. Machado e Luiz C. P. Machado Filho	“um método, um processo de produção agrícola - animal e vegetal – que resgata os saberes que a “revolução verde” destruiu e escondeu, incorporando-lhes os extraordinários progressos científicos e tecnológicos dos últimos 50 anos, configurando uma doutrina que viabiliza a produção de alimentos e produtos limpos, sem venenos, tanto de origem vegetal como animal, e o que é fundamental, básico, indispensável, em qualquer escala” (Machado; Machado Filho, 2014).

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Sobre os princípios da Agroecologia, Capra e Luisi (2014) mencionam que as tecnologias utilizadas são baseadas no conhecimento ecológico para controle biológico e aumento da produção, tendo como matriz energética a energia solar. Ademais, a diversificação de espécies plantadas e rotação dos cultivos permitem que, em caso de desastres ambientais, o sistema seja resiliente e não se percam todos os cultivos. Atrelado a isso, a nutrição do solo por meio de esterco e resíduos da plantação acrescido às demais práticas elevam a quantidade de carbono do solo e auxiliam na redução de CO₂ da atmosfera (Capra; Luisi, 2014, p. 440-441).

Diferentemente da agricultura convencional percorrida anteriormente, a Agroecologia, apresentada nesta seção, consiste em uma ciência pautada na preservação do meio ambiente, justiça social e viabilidade econômica, que utiliza do conhecimento científico, local e tecnológico com consciência dos ciclos ecológicos. Através da diversificação e rotação de culturas, nutrição e matriz energética de baixa entropia, entre outras diversas técnicas, atende aos pilares da sustentabilidade. Destaca-se ainda que, com o passar do tempo o conceito de Agroecologia vem sendo modificado e “adequado” para formas reducionistas, como um

modelo, uma agricultura alternativa, ou a simples substituição de insumos, no entanto, a Agroecologia vai além, como uma ciência complexa e transdisciplinar (Capra; Luisi, 2014)⁹.

No entanto, antes de se alcançar a sustentabilidade há um período de transição, apresentado por Altieri (2004, p. 76-77) como contendo quatro fases que visam: reduzir e substituir progressivamente os insumos químicos, com o intuito de diminuir o consumo de energia, além de redesenhar o sistema agrícola para aumentar a diversidade e sinergia entre as culturas e animais, favorecendo a fertilidade do solo. Ressalta-se que não se trata de uma transição como “produto de mercado” (Pinheiro, 2018, p. 373), mas aquela que foque e entregue conhecimento para a restauração do solo do camponês sem vender produtos para esse fim (Pinheiro, 2018, p. 413) para não ser mais um pacote tecnológico - como iniciado na Revolução Verde - que cria uma relação de dependência entre o camponês e a indústria.

A transição deve considerar também a complexidade dos problemas, para se mostrar possível como uma solução sistêmica, para que, mesmo com o envolvimento amplo e diverso de atores, seja orientada à comunidade, com mínima dependência energética fóssil e que promova melhorias para a saúde da população (Capra; Luisi, 2014, p. 392-393). O vínculo da Agroecologia com a agricultura familiar¹⁰ é reconhecido internacionalmente (FAO, 2015), e mesmo sendo a base da agricultura global essa população está geralmente mais, socioeconômica e ambientalmente, vulnerabilizada (ONU, 2022, p. 28) representando um desafio para a transição agroecológica.

Apesar de ser fundamental refletir sobre o processo de transição agroecológica, os desafios predominantes incluem a dependência de insumos, químicos, sementes e maquinário, assim como as relações com bancos, compradores de alimentos e corporações que vendem os insumos industrializados (Kremen; Iles; Bacon, 2012, p. 7). Atrelado a isso, para conseguirem lugar no mercado os agricultores dependem de cadeias de suprimentos, conceituada por Kotler e Keller (2012, p. 11) como “um canal que se estende das matérias-primas e dos componentes aos produtos finais levados aos consumidores finais”, que lhes são impostas pelo grande mercado.

Um exemplo de como isso se expressa pode ser identificado no caso da semente de soja transgênica *Roundup Ready*, em que o agricultor que compra o produto não pode guardar as sementes, além de serem condicionados a usar seus produtos químicos, caso contrário são

⁹ Para mais informações sobre o reducionismo que atinge o conceito de Agroecologia acesse o link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=t9MCG5s2WyA&feature=youtu.be>. Acesso em 5 jul. 2023.

¹⁰ Para mais informações sobre a compreensão de agricultura familiar para os entes governamentais acesse o link a seguir: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/mda/agricultura-familiar-1>. Acesso em 5 jun. 2023.

perseguidos pela “polícia genética” como apresentado no documentário “O mundo segundo a Monsanto” de 2008 (Mundo, 2008).

Assim, são poucas as empresas que dominam o mercado e obtêm maior poder de barganha na relação com os produtores e consumidores, predominando os interesses das corporações privadas (Renting; Schermer; Rossi, 2012, p. 296). Ademais, o modelo de produção industrial eleva as distâncias entre produtores e consumidores (Kremen; Iles; Bacon, 2012, p. 7), dificultando a possibilidade do consumidor de compreender o processo produtivo e consequentemente dos gastos - energéticos, ambientais, sociais, dentre outros - envolvidos.

A transição agroecológica é um caminho, conforme apresentado, repleto de desafios e que não ocorrerá do dia para a noite. Ademais, existe uma série de atores sociais e diferentes contextos que corroboram para a questão ser ainda mais complexa. Contudo, se ainda são vendidos alimentos com veneno é porque há quem compra e financia.

2.2.1 Feiras Agroecológicas

Dando prosseguimento ao que foi abordado anteriormente sobre as novas relações que estão sendo estabelecidas por consumidores e produtores, é notável como emergem na literatura novos arranjos/modelos - estrutura de etapas prescritivas (Mintzberg, 2000, p. 34) para a comercialização - e canais - atores interdependentes que disponibilizam determinado produto ou serviço aos consumidores (Kotler; Armstrong, 2011, p. 341) - de comercialização. O que é fundamental para permitir o escoamento do lado da oferta, representada pelos produtores de sistemas agrícolas baseados na Agroecologia, até a demanda, que envolve os consumidores e, consequentemente, sua percepção de valor simbólico.

No recorte literário pesquisado para a compreensão do fenômeno de emergência dos novos arranjos mencionados, foi possível notar que há diversidade nas propostas investigadas. Estas foram compiladas no Quadro 2, sendo identificadas as características marcantes de cada uma.

Quadro 2 – Conjunto de arranjos e canais de comercialização de produtos de bases agroecológicas.

Arranjo/Canal	Referência	Características
<i>Civic food networks</i> (CFN)	RENTING, H; SCHERMER, M; ROSSI, A. <i>Building Food Democracy: Exploring Civic Food Networks and Newly Emerging Forms of Food Citizenship. International Journal of Sociology of Agriculture and Food</i> , v. 19, p. 289-307, 2012.	<ul style="list-style-type: none"> ▶Inverte a governança do sistema de alimentação para a sociedade civil local; ▶Engajamento na cidadania alimentar entre produtores e consumidores; ▶Novas formas de cooperação entre atores locais; ▶Inovações no sistema alimentar iniciando nas cidades, do lado do consumo; ▶Novos discursos, conhecimentos e simbolismos, geralmente urbanos; e ▶Alinhamento com movimentos sociais emergentes.
Comunidades que sustentam a agricultura (CSA)	POHLMANN, H. Homem Ocidental - Homem Oriental: <i>Community Supported agriculture</i> como escultura social. Palíndromo, Florianópolis, v. 4, n. 8, 2013.	<ul style="list-style-type: none"> ▶Apoio dos consumidores na organização e financiamento; ▶Retira os intermediários e estabelece uma relação direta entre produtores dos consumidores; ▶Compartilhamento das responsabilidades entre produtores dos consumidores; e ▶Estímulo à consciência ecológica.
Feiras agroecológicas/ orgânicas	Darolt, M <i>et al. Alternative food networks and new producer-consumer relations in France and in Brazil. Ambient. soc.</i> , v. 19, n. 2, p. 161-180, abr.-jun. 2016.	<ul style="list-style-type: none"> ▶Facilitam uma interação próxima entre os consumidores e produtores; ▶Geram autonomia aos agricultores nas trocas com os consumidores; ▶Grande porta de entrada para os produtores; ▶Valorização do conhecimento tradicional; e ▶Promovem a educação e lazer.
Rede de comercialização	MAGNANTI, N. Circuito Sul de circulação de alimentos da Rede Ecológica de Agroecologia. <i>Agriculturas</i> , v. 5, n. 2, p. 26-29, 2008.	<ul style="list-style-type: none"> ▶Reúnem diversos atores (associações, produtores, ONGs, consumidores...); ▶Comercialização com o selo da rede; ▶Compra e venda entre todos os atores; ▶Elevado grau de gestão; e ▶Ampliação da diversidade ofertada de produtos ao longo do circuito.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na literatura selecionada para compreender os arranjos e canais de comercialização presente no Quadro 2 são destacadas similaridades e diferenças entre os arranjos e canais, se tratando mais da complementaridade entre as propostas, do que a separação, já que cada uma cumpre determinada função. Assim, foi possível notar que, apesar de não mencionado nas características marcantes, há presença total de circuitos curtos de comercialização nas propostas. Os circuitos curtos representam a aproximação entre produtores e consumidores na cadeia produtiva (Dias; Révillion; Talamini, 2017, p. 243), sendo também conhecidos como cadeias curtas.

Nesse sentido, a proximidade engloba tanto a redução máxima de intermediários como outras dimensões socioculturais que estabelecem novas relações entre produtores e consumidores (Darolt *et al.*, 2016, p. 6). Mesmo as redes de comercialização, nas quais as distâncias geográficas entre produtores e consumidores, a depender do produto, são elevadas, verifica-se que há uma estrutura robusta na rede que preza pela justa remuneração às famílias agricultoras (Magnanti, 2008). Assim, difere da dinâmica convencional na qual os atravessadores/intermediários podem gerar dependências e reduzem drasticamente o valor residual destinado aos produtores (Cassol; Schneider, 2017, p. 208).

Dentro disso, a aproximação mencionada resgata outro fator que se apresentou amplamente nos arranjos e canais apresentados, a promoção da interação entre produtores e consumidores. Isso se expressa no intercâmbio de vivências, valorização do conhecimento dos agricultores, e conseqüentemente a formação de novos discursos que apoiam as trocas de valores simbólicos (Rossi; Brunori, 2017, p. 87). Com isso, os espaços de troca se configuram como educativos, sociais, políticos e culturais, indo em contraposição à dinâmica utilitarista de compra em supermercados urbanos e, segundo Adanella Rossi e Gianluca Brunori (2017, p. 84) promovem a reconstrução dos sistemas alimentares.

Por outro lado, percebe-se que cada arranjo e canal de comercialização tem características singulares que os diferenciam dos demais. No que tange a questão da cooperação, percebe-se que as feiras agroecológicas/orgânicas, apesar de serem apresentadas como uma das principais formas de entrada dos agricultores, estabelecem relações mais individuais que coletivas entre os produtores e consumidores (Belletti; Marescotti, 2017, p. 137). Outro fator influenciado por essas relações consiste na interdependência entre os atores, havendo menor interdependência nas feiras (Belletti; Marescotti, p. 142).

Ainda, com arranjos e canais mais cooperativos, o potencial destes é reforçado pela variedade de participantes envolvidos, alguns marcados pela diversidade, como o caso das redes alimentares que reúnem entes de diferentes nichos, e outros pela abrangência, como nas *Civic Food Networks* que se propõe a reunir a sociedade civil como principal ator da governança. Independente das abordagens, a gestão e tomada de decisão participativa é onipresente e traz mais horizontalidade nas relações estabelecidas entre os atores (Darolt; Lamine, 2017, p. 345).

Por fim, algo que caracteriza todos os arranjos e canais percorridos, que implica em uma similaridade que fundamenta a conceituação e prática destes, consiste na qualidade contra hegemônica. Apresentados até este momento como “contra a maré”, as redes agroalimentares alternativas alteram a lógica convencional e estão baseadas na

sustentabilidade ecológica, conforme apresentado por Tregear (2011, p. 422), carregando consigo maior profundidade qualitativa.

Apesar da importância de apresentar as propostas como antagônicas, até para separar o “joio do trigo”, destaca-se que para Lamine (2014, p. 56), as relações ainda são de interdependência entre as redes, sejam estas convencionais ou alternativas. E assim como abordado por Gliessman (2009), a transição agroecológica passa pelo redesenho dos sistemas alimentares, sendo preciso compreender que não há um caminho definitivo para a transformação. Na presente pesquisa, optou-se por focar nas feiras agroecológicas como arranjo alvo do estudo, considerando a presença ampla destas no contexto brasileiro (Darolt *et al.*, 2016) e a lacuna contida na literatura analisada em que predominam investigações sobre feiras orgânicas e não necessariamente agroecológicas.

2.3 Consumidores, um ponto-chave

A compreensão do porquê as pessoas compram alimentos com veneno não é o objetivo deste trabalho, não obstante, o consumidor esteve presente, mesmo não sendo mencionado diretamente, na contextualização histórica apresentada anteriormente. Segundo Harari, com a revolução agrícola o modo de vida dos camponeses passou a ser fortemente restrito ao espaço do território agrícola, já que para a agricultura gerar frutos é necessária a presença e trabalho do camponês (2011, p. 112-113). Assim, o consumo de alimentos estava relacionado a uma perspectiva de sobrevivência, em que havia a necessidade de pensar na produção para a alimentação do hoje, amanhã e, ano que vem (Harari, 2011, p. 114-115).

Nesse contexto, o consumo de alimentos como algo cultural mudou drasticamente a partir da Revolução Industrial e ainda mais com a Revolução Verde. Segundo Leedecker (1991), historicamente, o valor destinado para a compra de alimentos é bastante significativo avaliando a renda total das famílias, evidenciando assim a relevância do sistema de alimentação para o estudo do comportamento dos consumidores. Apesar disso, a porcentagem da renda total das casas de países europeus ou dos EUA, a partir da Revolução Industrial, destinada para outros gastos do modo de vida urbana, elevou-se em detrimento dos gastos na alimentação (Leedecker, 1991).

O comportamento do consumidor é um campo de estudo que recebe contribuições de teóricos de diversas disciplinas, desde a economia (Daniel Kahneman com foco na tomada de decisão) até a psicanálise (Sigmund Freud que traz o inconsciente), caracterizando a temática

como multidisciplinar. Esse comportamento está inserido no contexto apresentado anteriormente de uma sociedade urbana fruto da industrialização do mercado capitalista, moldado a partir do modo de consumo do “*American Way of Life*” (Layrargues, 2018).

Segundo Layrargues, além da dimensão utilitária e de atendimento das necessidades básicas é incorporada a dimensão simbólica aos produtos (Layrargues, 2018). Ademais, a funcionalidade prática dos bens faz parte do ato de comprar, porém, o valor simbólico - que diz respeito ao significado cultural que o bem carrega e que se associa à identidade cultural do consumidor - destes também influencia e tem sido pouco percebido pelos estudiosos de estratégia (Ravasi; Rindova, 2013).

Para McCracken (2007, p. 100), o significado cultural é dinâmico, movimentando-se a partir do mundo culturalmente construído sendo transferido para os bens de consumo, e posteriormente chegando ao consumidor final. O mundo, mencionado pelo autor, faz referência à modernidade construída a partir do jeito americano de viver, sendo moldada pela cultura industrial ocidental - do chamado por Guattari (2012) de capitalismo moderno industrial-, na qual os bens de consumo carregam uma enorme diversidade de possibilidade de significados (McCracken, 2007, p. 110). Ainda, segundo o autor, esse contexto apoia o entendimento da “complexidade do comportamento de consumo de hoje e a revelar em maiores detalhes o que, exatamente, significa ser uma sociedade de consumo” (McCracken, 2007, p. 100).

Nesse sentido, o mundo culturalmente construído deve ser localizado, já que apesar de vivermos em um mesmo planeta, há uma gama extensa de diferentes culturas. Até porque, mesmo com a tentativa de tornar a agricultura homogênea globalmente - evidenciada pelos dados de 2020 da FAO (2022) em que metade da produção ao nível global está destinada ao cultivo de cana-de-açúcar, milho, arroz e trigo - o conceito de agricultura, separado em “agri” - “cultura”, resgata a cultura como elemento territorializado e cultivável, sendo dinâmica e não linear, resultado do manejo e escolhas sociotécnicas do camponês.

Apesar disso, é notável a expansão da produção de alimentos orgânicos no mundo, fundamentalmente em países do sul global (Dias *et al.*, 2015). Segundo o trabalho “Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil” realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020, p. 7-8) há uma crescente demanda por alimentos orgânicos globalmente, o que está relacionado às questões de saúde e redução de impactos ambientais vinculados a esse tipo de alimento. No contexto brasileiro o aumento foi mais ínfimo em função da realidade do país, caracterizado pela concentração de terras e monocultivos, mesmo

com as contribuições decorrentes de políticas públicas de incentivo, como a Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) (IPEA, 2020, p. 8).

Assim como afirmado na justificativa, não se aspira apresentar a produção orgânica como a solução, até porque é possível manter uma série de práticas características dos sistemas convencionais na produção orgânica, mas sim evidências da mudança de comportamento do consumidor. Ademais, cada vez mais os consumidores se preocupam com a qualidade dos alimentos, em detrimento de fatores quantitativos, dando luz ao papel dos consumidores nas cadeias alimentares (Gazolla; Schneider, 2017, p. 15). Outro fato interessante, consiste nas novas relações - contrapostas à lógica dominante - estabelecidas entre consumidores e produtores nas cadeias alimentares (Renting; Schermer; Rossi, 2012, p. 289).

Pesquisas sobre consumidores de produtos orgânicos estão usualmente relacionadas à motivação de compra (Dias *et al.*, 2015), sendo esta anteriormente intrínseca aos consumidores e associada a questões ideológicas (entre 1980-2000) e atualmente (a partir de 2000) transferida para a alimentação saudável (Dalcin *et al.*, 2014). Nesse sentido, a motivação se apresenta vinculada ao conceito de valor (Dias *et al.*, 2015).

2.3.1 Percepção de valor

As mudanças iniciadas com a Revolução Industrial seguem em andamento e estão cada vez mais aceleradas, o avanço da tecnologia desde então impactam amplamente o comportamento dos consumidores, implicando em mudanças na abordagem adotada pelo marketing (Kotler; Kartajaya; Setiawan, 2010). Este “envolve a identificação e a satisfação de necessidades humanas e sociais” (Kotler; Keller, 2012, p. 3), sendo tais necessidades atendidas através da proposta de valor (Kotler; Keller, 2012, p. 11). O valor gerado corresponde aos benefícios, composto pela qualidade e pelo serviço, que buscam satisfazer as necessidades do cliente, em relação ao preço pago pelo consumidor (Kotler; Keller, 2012, p. 11).

Apesar disso, é importante questionar-se sobre a origem dessas necessidades considerando que o capitalismo moderno industrial alterou o pêndulo de poder de questões mais tangíveis, como a produção de bens e serviços, para a subjetividade (Guattari, 2012, p. 30-31). A associação entre valor e necessidades, esta última destacada como principal motivador para o comportamento das pessoas, se mostra presente na teoria (Aertsens *et al.*,

2005, p. 1155). Segundo a metodologia de gestão de valor *Management of Value* (MoV), referência internacional no tema, o valor pode ser mensurado através da expressão matemática apresentada na Figura 3.

Figura 3 – Expressão matemática da relação de valor.

$$\text{Valor} \propto \frac{\text{Satisfação das necessidades}}{\text{Uso de recursos}}$$

razão de valor

benefícios: monetários e não monetários

custos: dinheiro, pessoas, tempo, energia e materiais

Fonte: Adaptado de *The Cabinet Office* (2010, p. 5).

Segundo a relação de valor apresentada, o preço pago pontuado por Kotler e Keller (2012, p. 11) não trata apenas de aspectos econômicos, mas o uso de recursos para a entrega dos benefícios desde o curto até o longo prazo (*The Cabinet Office*, 2010, p. 4-5), englobando assim o gasto de recursos tanto de quem produz como de quem compra. Nesse sentido, é importante considerar os recursos como sendo limitados (Capra; Luisi, 2014) para ambas as partes, sendo preciso utilizá-los de maneira efetiva para garantir a geração de valor (*The Cabinet Office*, 2010, p. 4).

Os benefícios - que também não são unicamente monetários - são definidos segundo as prioridades de cada pessoas, sendo assim, a relação de valor carrega uma qualidade subjetiva (*The Cabinet Office*, 2010, p. 4-5), em que cada pessoa irá avaliar de maneira singular se algo gera ou não valor para ela. Apesar disso, essa avaliação não é isenta de influências, sendo preciso reforçar a presença de mecanismos de dominação simbólica do capitalismo moderno industrial, como através da publicidade e propaganda (Guattari, 2012). Destaca-se ainda, que a percepção de valor dos consumidores, que está inserida na relação representada pela Figura 3, é também simbólica, uma vez que reflete a identidade cultural do consumidor e o significado, também cultural, do bem ou serviço em questão.

Porém, para Kotler, Kartajaya e Setiawan (2010), em um mundo no qual as empresas devem atender à responsabilidade corporativa, os consumidores passam a colaborar e influenciar outros consumidores a respeito daquilo que estão consumindo, sendo preciso que as corporações escutem e entendam a mente do consumidor para se adaptar e atender suas necessidades. Assim, as pessoas - já captadas pelo simbolismo vendido no capitalismo de uma vida padrão americana (Guattari, 2012; Layrargues, 2018) - passam a colaborar com as empresas para estimular essa neurose distópica, e definitivamente insustentável, da sociedade de consumo discorrida por McCracken (2007).

De fato, o consumo de alimentos orgânicos representa à primeira vista uma melhoria considerando a predominância do uso de fertilizantes químicos no sistema convencional apresentado por Gliessman (2009), notadamente mais destrutivo. No entanto, se trata de uma proposta que não se propõe, a princípio, alterar práticas insustentáveis características do sistema convencional, como o monocultivo, irrigação, predominância na utilização de combustíveis fósseis como matriz energética, não manutenção das desigualdades socioeconômicas, dentre outras.

Resta assim a seguinte indagação: permanecendo essas características do convencional ou do “um pouco” alternativo (como a produção orgânica) no sistema alimentar, será possível pensar em um caminho que consiga - como se propõe a Agroecologia - redesenhar o sistema de valorização simbólica, discorrido por Guattari (2012), dos consumidores que estão sendo empanturrados pelos valores cultivados pela sociedade de consumo exposta por Layrargues (2018) e McCracken (2007)? Ainda, havendo movimentos contra hegemônicos, como se propõe as feiras agroecológicas, quais valores são cultivados nesses ambientes e qual será o potencial dos estímulos de novos sentidos para a criação de uma subjetivação capaz de redesenhar o sistema alimentar convencional?

Considerando a importância da transição mencionada, especialmente no campo da valorização, do sistema convencional de agricultura para um sistema baseado na Agroecologia, este estudo teve como objetivo analisar a percepção de valor de consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina. Nesse sentido, o capítulo seguinte aborda os métodos e técnicas utilizados.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Os métodos e técnicas de pesquisa são associados por Alves (1981, p. 87) a “anzóis” utilizados por pescadores, já que segundo o autor estes “predeterminam os resultados da pescaria”, acontecendo o mesmo quando realizamos uma pesquisa. Isso não exclui a importância do método científico para a geração de conhecimento científico, apenas destaca que os procedimentos e técnicas que compõem a metodologia estão diretamente relacionados ao objetivo da pesquisa, apoiando na geração e verificação dos resultados (Prodanov; Freitas, 2013, p. 14-26). Não obstante, segundo Bauer, Allum e Gaskell (2007, p. 35) a ação emancipatória da pesquisa se dá no autoquestionamento da pessoa pesquisadora e no recebimento da informação pela sociedade.

A partir disso, neste capítulo é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa, sendo dividida nos seguintes subcapítulos: (3.1) Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa; (3.2) Caracterização do objeto do estudo; (3.3) Seleção dos participantes da pesquisa; (3.4) Descrição dos instrumentos de pesquisa; e (3.5) Procedimentos de coleta e análise de dados.

3.1 Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa

Em contraposição à perspectiva positivista que deu início às ciências sociais (Capra; Luisi, 2014, p. 46), a metodologia utilizada na pesquisa, além dos procedimentos técnicos incluídos ao longo do desenvolvimento do estudo como a pesquisa bibliográfica, é de abordagem qualitativa. A escolha da abordagem qualitativa se dá pelo foco no valor dos produtos, abrangendo aspectos subjetivos da percepção dinâmica dos consumidores e o ambiente (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Ademais, antes de buscar quantificar o fato social que esta pesquisa almeja compreender, é preciso se aprofundar na natureza do contexto da pesquisa (Bauer; Allum; Gaskell, 2007, p. 24).

O objetivo do estudo é exploratório - agregando familiaridade ao problema em questão - e de natureza aplicada, por visar propiciar mais informações sobre o problema, e consequente explicar e apoiar no levantamento de hipóteses e soluções sobre o tema (Gil, 2002, p. 41; Prodanov; Freitas, 2013). O princípio de delineamento da pesquisa é o estudo de caso, que visa expandir e debucar o conhecimento sobre um ambiente específico e a relação deste com os atores sociais (Gil, 2002, p. 54). Para o autor, podem ser utilizadas as seguintes

etapas na condução de estudos de caso: formulação do problema; determinação da unidade-caso; determinação do número de casos; elaboração do protocolo; coleta de dados; avaliação e análise dos dados; e preparação do relatório (Gil, 2002, p. 137).

Destaca-se ainda que a unidade-caso, definida por Gil como “um indivíduo num contexto definido” (Gil, 2002, p. 138), do estudo está associada aos participantes da pesquisa, ou seja, “consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros no contexto das feiras agroecológicas, da Colina e da Ponta Norte, localizadas na Asa Norte de Brasília-DF”. Os dados foram coletados considerando o princípio básico dos estudos de caso em contemplar mais de uma técnica de coleta de dados (Gil, 2002, p. 140), sendo utilizada a revisão de literatura para formação de um panorama a partir da investigação apresentada anteriormente em diferentes fontes como artigos, livros, periódicos, dentre outros selecionados com base no critério do alinhamento com o problema de pesquisa.

Ademais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais e em pares (Gaskell, 2007) com consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros de agriculturas baseadas na Agroecologia, e realizou-se a observação participante no contexto das feiras. A natureza dos dados é primária - entrevistas e observação participante - e secundária - revisão de literatura -, considerando os procedimentos de coleta mencionados, sendo realizada a análise de conteúdo (Bauer, 2007) pela qualidade sistemática da abordagem, permitindo assim avaliar a tendência de respostas presente na fala dos sujeitos participantes da pesquisa.

A escolha da metodologia se pautou na reflexão discorrida por Capra e Luisi (2014, p. 64) em que “o todo é maior que a soma das partes”¹¹, trazendo a perspectiva que os sistemas vivos não são reduzidos a suas partes, sendo preciso coexistir com a complexidade presente nas relações, inerentemente dinâmicas, entre as partes e o ambiente. Nesse sentido, o foco de análise consiste nas relações que focam nos aspectos qualitativos e processos para o levantamento de hipóteses e reflexões, não respostas definitivas (Bauer; Allum; Gaskell, 2007).

¹¹ O pensamento sistêmico abordado por Capra e Luisi (2014), resultante de debates entre a biologia, psicologia e ecologia, com apoio das descobertas na física quântica, complementam a objetividade cartesiana da ciência desde uma perspectiva limitada da geração de conhecimento científico pela qualidade interconectada e interdependente dos “nós” e relações que compõem os sistemas.

3.2 Caracterização do objeto do estudo

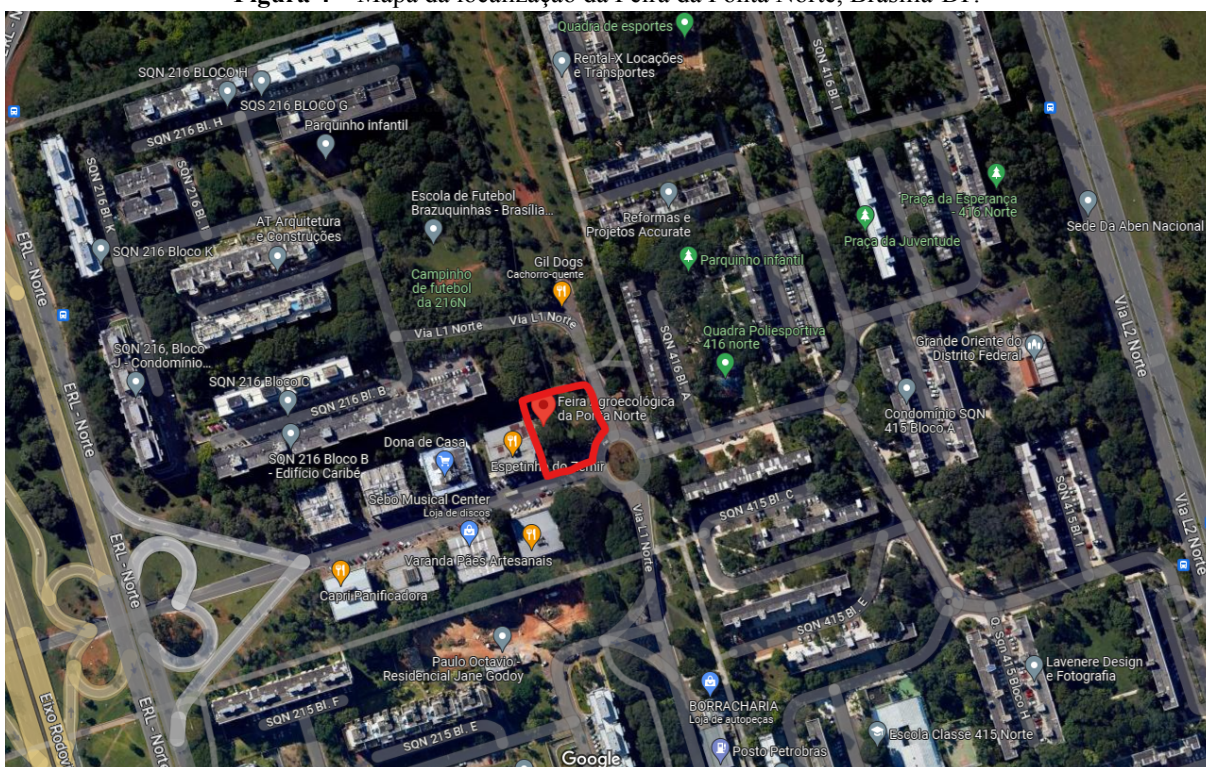
O objeto deste estudo são as feiras agroecológicas de Brasília - DF (Distrito Federal), local caracterizado pela elevada renda domiciliar dos habitantes¹². Sendo as feiras pesquisadas localizadas na Asa Norte, geograficamente inserida no Plano Piloto, onde o fator renda torna-se uma exceção ainda maior - considerando a realidade do DF - por ser uma região caracterizada como de renda alta, com rendimento bruto domiciliar mensal médio de R\$ 14.087,02, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) elaborada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) de 2021¹³.

Dentro disso, as feiras selecionadas para serem os núcleos focais de aplicação da pesquisa tiveram como critério serem nomeadas como “agroecológicas” - arranjo de comercialização alternativo mais presente na realidade brasileira que promove educação e lazer, além da aproximação entre produtores e consumidores com a difusão de conhecimentos tradicionais Darolt *et al.* (2016) - diferenciando-as de outras feiras onde predominam produtos de modos de produção mais próximos à agricultura convencional. A seguir são apresentadas brevemente cada feira.

¹² Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) contínua de 2022 elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o maior rendimento domiciliar por habitante é do DF com R\$ 2.913. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/36320-ibge-di-vulga-rendimento-domiciliar-per-capita-2022-para-brasil-e-unidades-da-federacao#:~:text=O%20rendimento%20domiciliar%20per%20capita,R%24%202.913%20no%20Distrito%20Federal>. Acesso em 26 jun. 2023.

¹³ Para leitura da PDAD na íntegra acesse o link a seguir: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Apresentacao_RAs.pdf. Acesso em 26 jun. 2023.

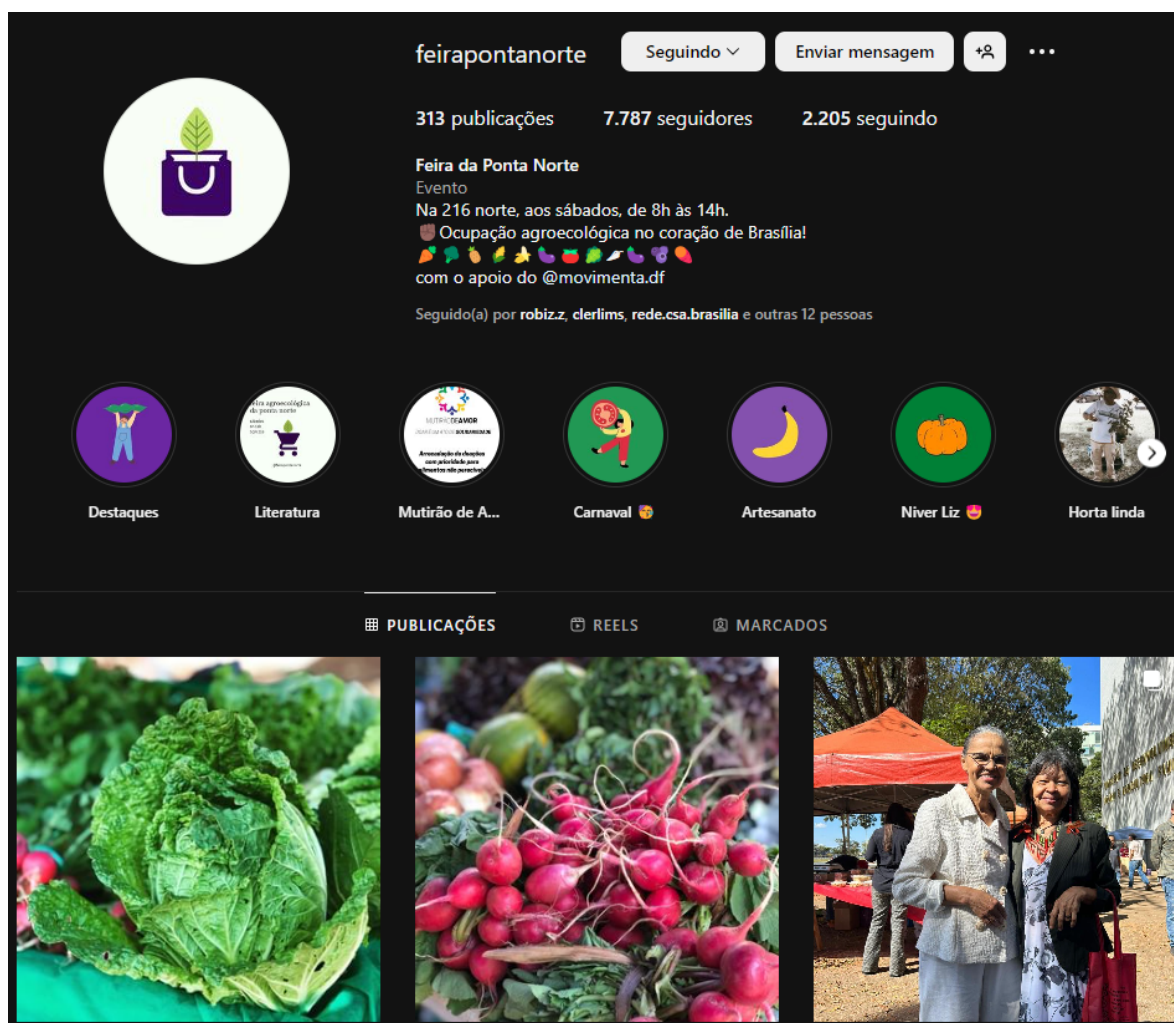
Figura 4 – Mapa da localização da Feira da Ponta Norte, Brasília-DF.



Fonte: Adaptado de *Google Maps* (2023a).

Criada em 2019 pelo movimento de moradores da região que buscavam incentivar movimentos políticos progressistas (Azevedo; Bezerra; Xavier, 2022), a Feira Agroecológica da Ponta Norte está localizada na quadra 216 da Asa Norte - DF ocorrendo todo sábado a partir das 8:00 até às 14:00 (veja Figura 4). Trazendo o “comer” como um ato político, o manifesto da feira diz “não” à cadeia alimentar tradicional e tem como grandes símbolos de luta os movimentos sociais da reforma agrária e a Agroecologia. A principal fonte de divulgação e comunicação da feira é o Instagram @feirapontanorte (Figura 5), predominando fotos de produtores e consumidores no local, artes informativas sobre atividades que ocorrerão na feira, dentre outras publicações relacionadas a temas alinhados à agricultura ou gerais, como datas comemorativas.

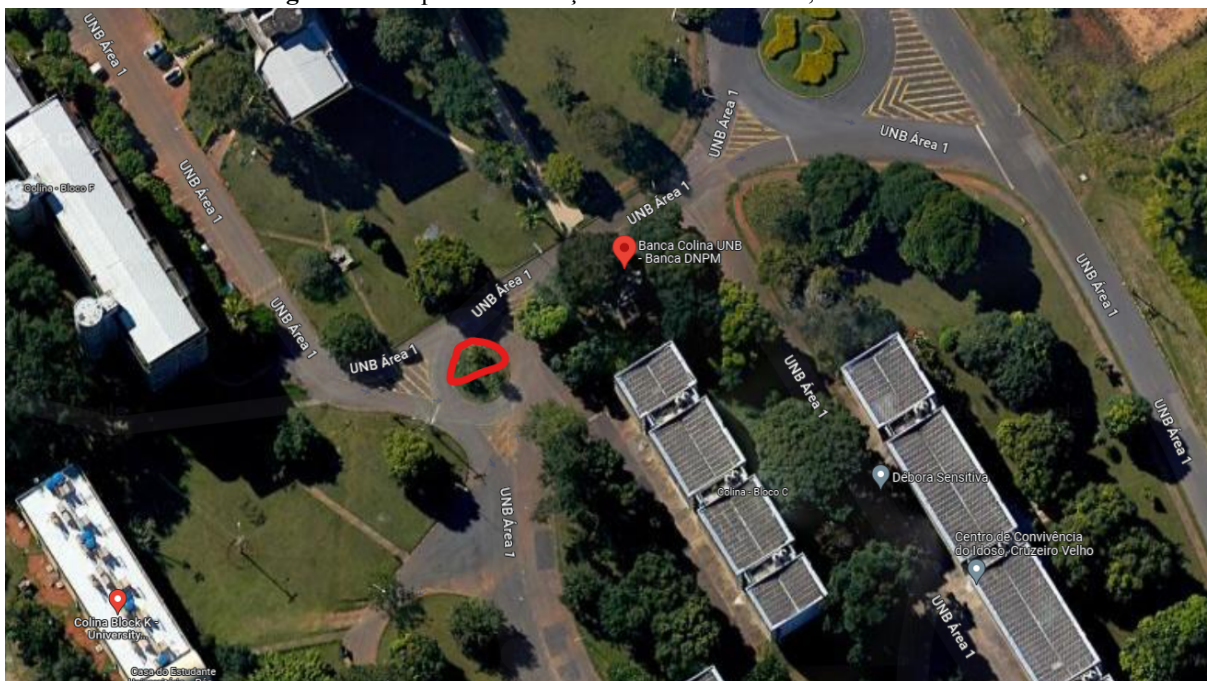
Figura 5 – Captura de tela da página de Instagram da Feira da Ponta Norte.



Fonte: Instagram (2023a).

Já a Feira Agroecológica da Colina, localizada próximo à rotatória da colina - quadra de apartamentos funcionais no lado norte da Universidade de Brasília (UnB) -, foi criada em junho de 2023 a partir da mobilização e demanda dos moradores da região de terem acesso a produtos de bases agroecológicas próximo a suas residências (Figura 6). As pessoas que vão à feira, aproximadamente cinco barracas, fazem parte da Associação das Mulheres Rurais do Canaã que está vinculada ao Movimento dos Sem Terra (MST). Apesar de não constarem muitas informações disponíveis na internet, sendo a única fonte de informação disponível no Instagram, @agricultorasdocanaanacolina (veja Figura 7), durante as entrevistas realizadas no local foi possível compreender a história da feira.

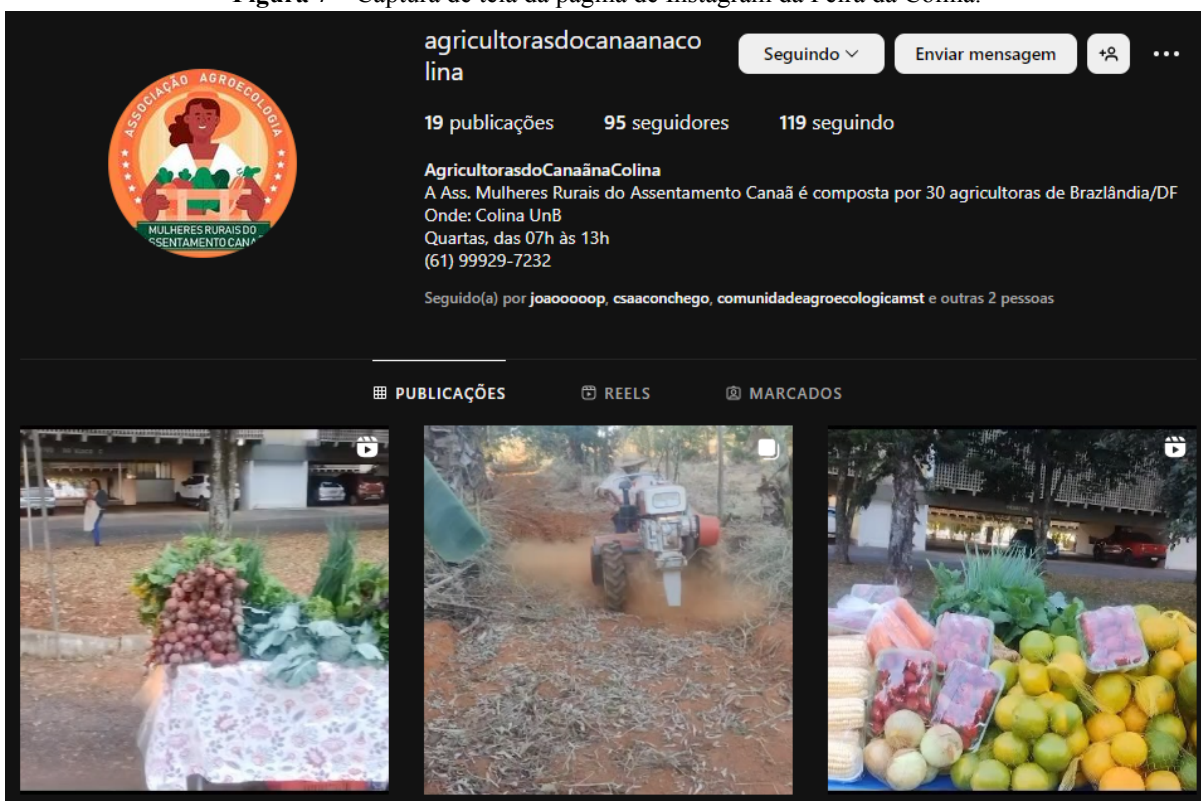
Figura 6 – Mapa da localização da Feira da Colina, Brasília-DF.



Fonte: Adaptado de *Google Maps* (2023b).

A decisão do contexto apresentado para a realização do estudo se deve pela proximidade geográfica e experiencial da pessoa pesquisadora, que frequenta e apoia o trabalho dos agricultores que participam tanto da Feira da Colina como da Feira da Ponta Norte. Assim, o interesse em unir a pesquisa acadêmica à atuação prática de suporte às comunidades que promovem a segurança alimentar e nutricional da região, com a regeneração de áreas degradadas pela agricultura convencional, incentivou a escolha do ambiente de estudo.

Figura 7 – Captura de tela da página de Instagram da Feira da Colina.



Fonte: Instagram (2023b).

Segundo Gil (2002, p. 23-26), o problema de pesquisa precisa estar contido em um escopo restrito para que assim seja possível conduzir o estudo mediante variáveis testáveis. Nesse contexto, foram selecionados como sujeitos participantes deste estudo as pessoas que frequentam e adquirem alimentos - especialmente de hortifrutigranjeiros como hortaliças, verduras, frutas, legumes e ovos, sendo os alimentos mais presentes, e conseqüentemente vendidos nos locais apresentados - em qualquer dessas feiras, além do próprio ambiente que influencia e é influenciado pelos atores envolvidos. Essa decisão está alinhada ao objetivo da pesquisa, que visa compreender a percepção dos consumidores a respeito do valor dos produtos.

3.3 Seleção dos participantes da pesquisa

Considerando a estratégia qualitativa para o estudo de caso desta pesquisa, optou-se por selecionar os participantes por grupos naturais - pessoas que se relacionam e formam um ambiente social - como apresentado por Gaskell (2007). Para cumprir com o objetivo da

pesquisa qualitativa de compreender a diversidade de percepções sobre o tema, utilizando uma abordagem intencional seguiram-se critérios de conveniência e disponibilidade, baseados fundamentalmente na criação de um espaço propício para o diálogo aberto e profundo sobre o tema da pesquisa, assim adotou-se para a seleção: (1) estar com algum indício de que comprou alimentos na feira, por exemplo, estar carregando sacolas fornecidas pelos produtores; (2) haver vivenciado o espaço da feira agroecológica; e (3) ter disponibilidade para participar da pesquisa voluntariamente.

Durante a pesquisa, optou-se por entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias, gêneros e dinâmicas de vida (incluindo aquelas que estavam acompanhadas por crianças pequenas, idosos ou sozinhas). O quantitativo de pessoas entrevistadas não eleva proporcionalmente a qualidade da pesquisa - não se tratando de “quanto mais, melhor” - já que a capacidade de armazenamento e análise de informações por parte da pessoa pesquisadora é limitada, sendo recomendado um número entre quinze e vinte e cinco entrevistas individuais (Gaskell, 2007, p. 70-71). Considerando o mencionado e os recursos escassos, de tempo e pessoas, para a realização desta pesquisa, foi possível entrevistar dezesseis pessoas - oito participantes em cada local - em cinco saídas de campo diferentes, sendo duas visitas na Feira da Colina e três na Feira da Ponta Norte, optando-se pela adesão aos múltiplos casos para agregar informações de contextos diversos contribuindo com o objetivo da pesquisa (Gil, 2002, p. 139).

3.4 Descrição dos instrumentos de pesquisa

Os procedimentos aplicados nesta pesquisa foram entrevistas semiestruturadas e observação participante. Os instrumentos utilizados foram um roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice A) composto por quatro perguntas-base adaptadas a partir da revisão de literatura sobre a temática do estudo, que aborda o consumo de alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas, com referências dos autores Dias *et al.* (2015), *The Cabinet Office* (2010) e Pinheiro (2018). Além disso, foi utilizado um modelo de relatório de campo que orienta a escrita das experiências vividas (Apêndice B), orientados pelos objetivos específicos deste estudo.

Além de estarem alinhados aos objetivos da pesquisa, os instrumentos selecionados também contribuem para a escolha da análise de conteúdo. O roteiro, por envolver um diálogo com os consumidores, traz a perspectiva das pessoas que compram na feira fora do momento

exato da compra. Já a observação participante agrega a perspectiva do consumidor ao pesquisador sobre a experiência de compra e permite que ele vivencie, de forma espontânea, todo o ambiente da feira. Além disso, a observação participante coloca o pesquisador na posição de um consumidor, permitindo analisar os produtos e dialogar com os produtores. Dessa maneira, esses instrumentos complementam-se ao fornecerem diferentes espectros sobre o contexto da pesquisa.

Os instrumentos passaram por fases de validação com a orientação de professores da UnB que utilizam estes para a condução de pesquisas, e com pessoas que não estavam diretamente envolvidas no contexto, sendo apresentadas as perguntas e questionando o que foi entendido. Assim, as alterações sugeridas foram atendidas, e os instrumentos passaram por um teste no ambiente de aplicação, tanto o roteiro de entrevistas - que foi rodado com uma consumidora que frequenta a Feira da Ponta Norte - como o relatório - que foi preenchido pelo pesquisador a partir da experiência da saída de campo -. Por fim, os testes promoveram diversos aprendizados (veja item 3.5 Procedimentos de coleta e de análise de dados) que geraram adaptações nos instrumentos, resultando na versão final que consta nos Apêndices A e B.

3.5 Procedimentos de coleta e de análise de dados

Conforme abordado anteriormente, Gil (2002, p. 140) traz como um princípio dos estudos de caso, que apoia o alcance da qualidade dos resultados através da comparação, a utilização de mais de um procedimento de coleta de dados que possam gerar similaridades ou diferenças naquilo que foi encontrado. O atendimento a tal pressuposto reduz a incidência dos vieses subjetivos, inerentes a qualquer estudo, do pesquisador apoiando na fidedignidade e legitimidade dos dados coletados (Gil, 2002, p. 141)

Considerando o exposto, os procedimentos selecionados foram entrevistas semiestruturadas individuais e em pares (no caso de pessoas acompanhadas, já que seria incômodo pedir que se separassem para a entrevista) - apoiando na ampliação do espectro de pontos de vista que dão suporte à pesquisa qualitativa (Gaskell, 2007, p. 64-65) - sendo construídas quatro perguntas-base para condução que constam no Apêndice A e observação participante, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 104-105) envolve a integração da pessoa pesquisadora à realidade da comunidade e ambiente de pesquisa.

Cabe ressaltar que em contraposição ao costumeiro neste tipo de delineamento de pesquisa (Gil, 2002, p. 141), foi feita uma etapa de teste das perguntas-base contidas no roteiro e ferramentas de coleta de dados, com o gravador do aparelho celular, no dia 6 de maio na Feira da Ponta Norte visando verificar a capacidade destas em cumprir seus objetivos. Em um primeiro momento, houve certa timidez e sentimento de incômodo por parte das pessoas entrevistadoras na ação de abordar as pessoas durante a vivência da feira por acreditar que seria inconveniente a conversa para os consumidores que estavam com outras coisas em mente. Outro fator que prejudicou a ação das pessoas pesquisadoras foi o horário, já que estava próximo ao almoço e os consumidores se mostravam bem corridos e com pouco interesse e disposição em parar um tempo para conversar.

No entanto, uma amiga da pessoa responsável pela pesquisa superou a barreira e abordou uma pessoa idosa que estava no centro da feira, ocorrendo a condução de entrevista de maneira fluida, apesar da luminosidade e o calor gerado pelo sol no espaço aberto que causou certo desconforto por parte da pessoa participante e das entrevistadoras. Ademais, alguns termos não auxiliaram tanto a resposta da pessoa entrevistada, sendo preciso elaborar estratégias para dar suporte na condução das entrevistas.

Nesse sentido, optou-se por adaptar as palavras para facilitar o entendimento, como ocorreu em uma série de entrevistas nas quais se alterou o termo “benefícios” por “coisas boas”. Outra estratégia utilizada foi de exemplificar aquilo que a pergunta estava buscando compreender, como quando empregado o termo “custos” havia um viés de valores monetários dos produtos, sendo exemplificado outros custos como a distância do local de compra ou a ocorrência semanal da feira que poderia resultar em um aspecto negativo.

Buscou-se ir em horários diferentes para captar percepções diversas, alinhado ao que se propõe na pesquisa qualitativa em que importa a multiplicidade de visões de mundo, das pessoas que preferem ir ao início da manhã (geralmente pessoas que chegam no ambiente com que tem mais tempo para fazer a feira) e, final da manhã (pessoas mais apressadas que estão comprando os produtos que precisam para fazer o almoço). Uma estratégia adotada para tentar propiciar um ambiente melhor para o diálogo foi a permanência em um local próximo à entrada/saída da feira, com sombreamento por árvores, pouco movimentado, silencioso, e com um banco próximo para sentar ou deixar as sacolas de compras.

Assim, as coletas dos dados ocorreram presencialmente na Feira da Colina nos dias 10/05/2023 e 24/05/2023, e na Feira da Ponta Norte nos dias 06/05/2023, 13/05/2023 e 03/06/2023, sendo o principal responsável o autor desta pesquisa, porém uma amiga próxima que frequentou as feiras durante os dias de coleta contribuiu com a condução da etapa teste e

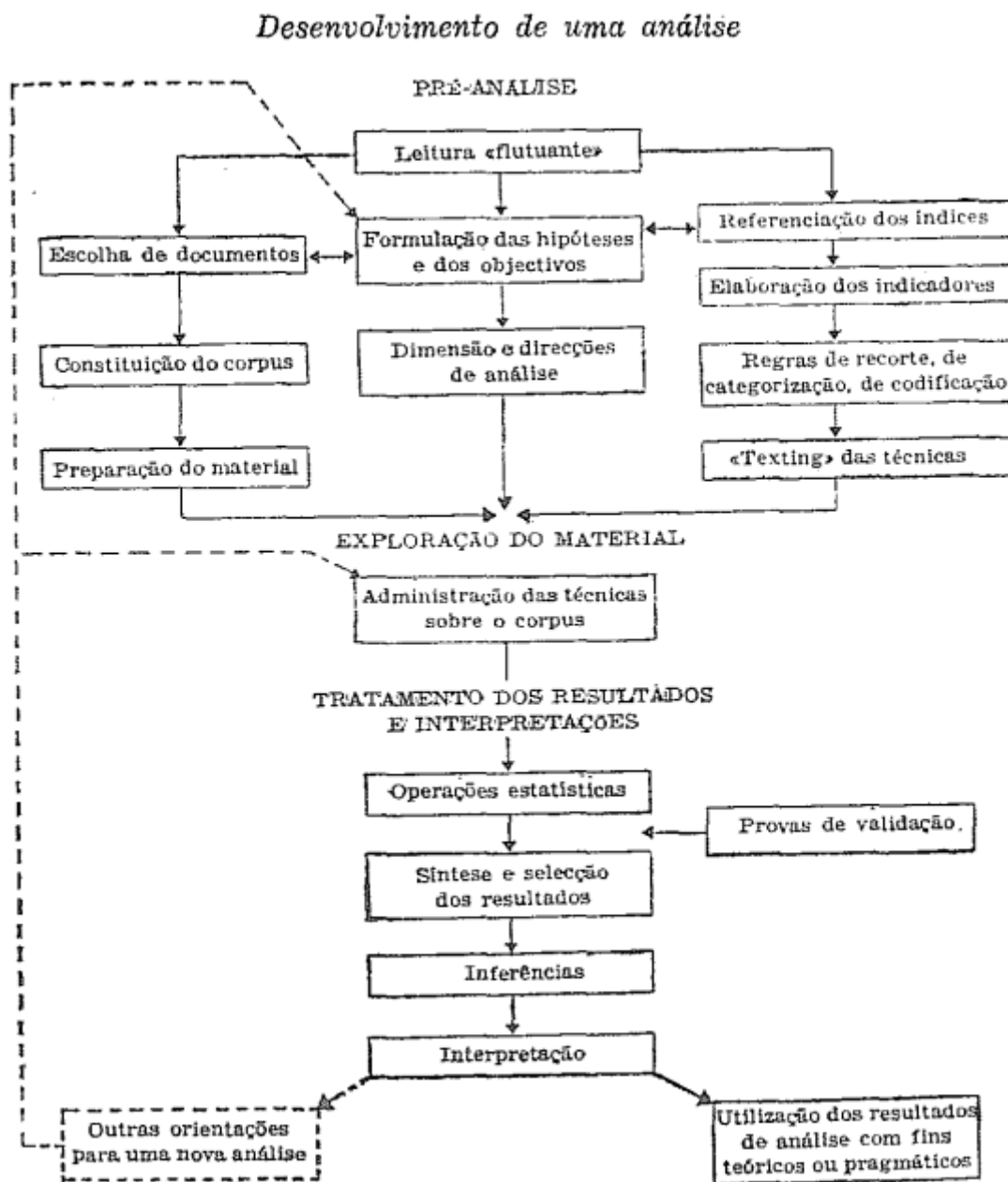
das entrevistas da Ponta Norte 3, 7 e 8. Antes de iniciar a entrevista, as pessoas foram abordadas para questionar se frequentam a feira, apresentar as pessoas entrevistadoras e o objetivo da pesquisa, e verificar se estavam de acordo com a realização da gravação do áudio de maneira anônima e com fins restritos à pesquisa.

Para a organização dos dados, ao final de cada dia de campo foi redigido no *Google Docs* um texto que apresentava os principais achados e falas dos entrevistados que chamaram a atenção, seja pela recorrência ou caráter destoante das demais, e o relatório de observação participante de modo a mitigar o esquecimento das informações observadas. As gravações foram realizadas através do aparelho celular utilizando-se o aplicativo “gravador” que vem instalado no próprio *Smartphone*, sendo criada uma pasta no *Google Drive* para armazenar as gravações. Posteriormente, utilizou-se o aplicativo *Reshape*¹⁴ que promove a leitura e transcrição automática de áudios, identificando o tempo das falas e a pessoa comunicadora, para texto em formato *Word* visando otimizar o tempo do pesquisador.

Para a análise dos dados optou-se pela análise de conteúdo, que consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p. 31) sendo bastante flexível para atender os objetivos de diferentes pesquisas. Segundo a autora, a análise de conteúdo se apoia na tentativa de superação da incerteza residente na perspectiva individual de entendimento dos textos e enriquecimento da compreensão da mensagem a partir da leitura profunda (Bardin, 1977, p. 29). Desse modo, a autora apresenta as seguintes fases que orientam a condução da análise: “1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (Bardin, 1977, p. 95), observe a Figura 8 evidencia.

¹⁴ *Reshape* é um aplicativo de transcrição automática que permite o uso durante o período de um mês gratuitamente. Disponível em: https://www.reshape.com.br/?gclid=Cj0KCQjwldKmBhCCARIsAP-0rfzxtqo0K1FjM2qCZF9EuV4aom09Bv8wJFqLvj2YIDdyGksMWnEdI0kaAocjEALw_wcB&ref=H54365127G. Acesso em 2 jun. 2023.

Figura 8 – Fluxograma do desenvolvimento de uma análise de conteúdo.



Fonte: Bardin (1977, p. 102).

Para Bardin, a pré-análise tem o objetivo de organizar as ideias que são posteriormente desenvolvidas, não havendo uma ordem ou modelo fechado para condução da etapa, sendo feita uma leitura superficial, escolha de documentos para a formação de um corpus (Bardin, 1977, p. 95-96) - no caso desta pesquisa este é constituído pelas entrevistas e relatórios de experiência da observação participante -. Depois ocorre o desenvolvimento de hipóteses e objetivos, são definidos índices e formulados os indicadores para apoiar a análise e finalmente a organização do material (Bardin, 1977, p. 95-100).

Na exploração do material é realizada a codificação na qual os dados são transformados segundo determinado critério em que se realiza o recorte, enumeração, classificação e agregação dos dados coletados, neste caso com base nas perguntas-base [(1) motivação; (2) benefícios; (3) custos; (4) nível de conhecimento sobre Agroecologia)], para depois ser feita a categorização de modo a agrupar os códigos para ordená-los (Bardin, 1977). Por fim, o tratamento dos resultados se dá pela realização de operações matemáticas/estatísticas que irão evidenciar aquilo que foi encontrado pela pesquisa, a inferência e a interpretação com base na síntese dos resultados obtidos (Bardin, 1977, p. 101-102).

Para a análise de dados, criou-se um Documento *Google* em que foram colocados tópicos para cada feira (Colina e Ponta Norte) referentes à codificação, além de um tópico adicional denominado “outras coisas interessantes” para inserir quaisquer informações que não se encaixam especificamente em nenhuma pergunta, mas que poderiam apoiar a análise. Depois, foram lidas sequencialmente as entrevistas e copiados os trechos segundo o enquadramento nos tópicos mencionados.

Figura 9 – Registro dos fatores por entrevista e categoria.

	FEIRA X			
	motivação	benefícios	custos	agroecologia
E1				
E2				
E3				
E4				
E5				
E6				
E7				
E8				

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como cada resposta era apresentada pelos entrevistados de uma maneira singular, buscou-se padronizar por similaridade as informações por categorias, conforme exemplificado na Figura 10. Assim, criou-se a Figura 9 no *Google Planilhas*, leu-se cada entrevista sendo copiadas as frases que representavam mais precisamente a resposta de cada entrevistado em cada pergunta para a tabulação dos dados no modelo da Figura 9.

Figura 10 – Registro dos fatores, quantidade de respostas e respectivas entrevistas por categoria.

MOVITVAÇÃO		
fatores	respostas	entrevistas
alimentos orgânicos		
alimentos sem agrotóxicos		
qualidade dos alimentos		
comodidade		
apoio aos produtores		
posição política simpática		
apoio ao projeto		
alimentos saudáveis		
alimentos frescos		
qualidade de vida		
apoio à agroecologia		
alimentos diversos		

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Após a leitura e compilação de todas as respostas das entrevistas na Figura 9, foi preenchida a Figura 10 com a quantidade de respondentes que trouxeram percepções similares com base nos fatores que ao decorrer da leitura e da classificação eram incrementados segundo a necessidade de expandir as possibilidades e a identificação da entrevista referente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados e a discussão da pesquisa, sendo fruto da revisão de literatura presente no capítulo 2 e da aplicação dos métodos e técnicas discutidas no capítulo anterior para o problema de pesquisa. Pautado no princípio de delineamento do estudo de caso e na abordagem qualitativa, foram realizadas as seguintes técnicas de coleta de dados visando alcançar o objetivo deste estudo: entrevistas semiestruturadas e observação participante.

A escolha dos subcapítulos está alinhada aos objetivos específicos e instrumentos desta pesquisa, ambos abordam: motivação dos consumidores em frequentarem feiras agroecológicas; benefícios e custos percebidos pelos consumidores ao comprarem alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas, e conseqüentemente a relação de valor presente na compra; e o conhecimento dos consumidores sobre Agroecologia. Diante disso, os subcapítulos presentes neste capítulo são: (4.1) Panorama geral da revisão bibliográfica; (4.2) Motivação dos consumidores ao frequentarem feiras agroecológicas; (4.3) Relação de valor da compra dos produtos; e (4.4) Nível de conhecimento sobre Agroecologia.

Conforme mencionado anteriormente, para a análise dos resultados, foram utilizadas as planilhas apresentadas na Figura 9 e 10. Na planilha sobre os fatores, quantidade de respostas e respectivas entrevistas por categoria (Figura 10) utilizaram-se variações (para cada fator: motivação, benefícios, custos e nível de conhecimento sobre Agroecologia) para sistematização das informações que haviam sido compiladas após a leitura de todas as entrevistas. Ademais, buscou-se agregar, onde houvesse convergência ou divergência, a vivência da observação participante para contribuir com outro viés.

4.1 Panorama geral da revisão bibliográfica

A alimentação, como algo biológico e cultural (Leonel; Menasche, 2017), e o relacionamento da humanidade com o território mudou drasticamente desde a revolução agrícola, que marcou o início da agricultura (Harari, 2011). A Revolução Industrial, em um sentido mais amplo, alterou ainda mais fortemente a maneira de viver e se relacionar com a natureza (Capra; Luisi, 2014; Hobsbawm, 1977). Hoje nos deparamos em um cenário de crise generalizada (Altieri, 2004), mais grave ainda nos países do sul global, tratados como “lixão” - onde com a Revolução Verde foram depositados os resíduos da guerra e antiga infraestrutura

de produção agrícola convencional (Altieri, 2004; Primavesi, 2003) pelos países chamados “desenvolvidos”.

Nesse sentido, há cada vez mais evidências da insustentabilidade da agricultura convencional (Gliessman, 2009), e a característica sistêmica dos problemas globais trazem à tona a necessidade de se pensar em soluções sistêmicas (Capra; Luisi, 2014). Assim, a Agroecologia, enquanto uma ciência transdisciplinar que integra princípios da ecologia, agronomia e socioeconômicos, se apresenta como uma solução sistêmica (Altieri, 2004; Capra; Luisi, 2014). A qualidade não linear e não imediata da solução traz à tona a necessidade de se pensar o processo - de passagem de uma agricultura predominantemente convencional para uma agricultura de base agroecológica - de transição, em que os insumos externos são reduzidos e alterados gradativamente, até o redesenho contínuo do agroecossistema, e conseqüentemente do sistema alimentar (Altieri, 2004; Gliessman, 2009).

Apesar disso, apresentam-se barreiras técnicas e fundamentalmente de valorizações simbólicas, geradas pelo paradigma da sociedade de consumo promovida através do jeito americano de viver (Guattari, 2012; Layrargues, 2018; McCracken, 2007), para ocorrer a transição mencionada. Mesmo nesse contexto adverso, existem novos arranjos de comercialização contra hegemônicos que se mostram positivos para apoiar na transformação do sistema simbólico (Rossi; Brunori, 2017) através da aproximação e estímulos à promoção de novas relações entre produtores e consumidores (Darolt *et al.*, 2016; Dias; Révillion; Talamini, 2017). Como movimento difundido no Brasil e principal porta de entrada para os produtores (Darolt *et al.*, 2016), as feiras agroecológicas representam um arranjo capaz de contribuir com a transição nas dimensões materiais e simbólicas.

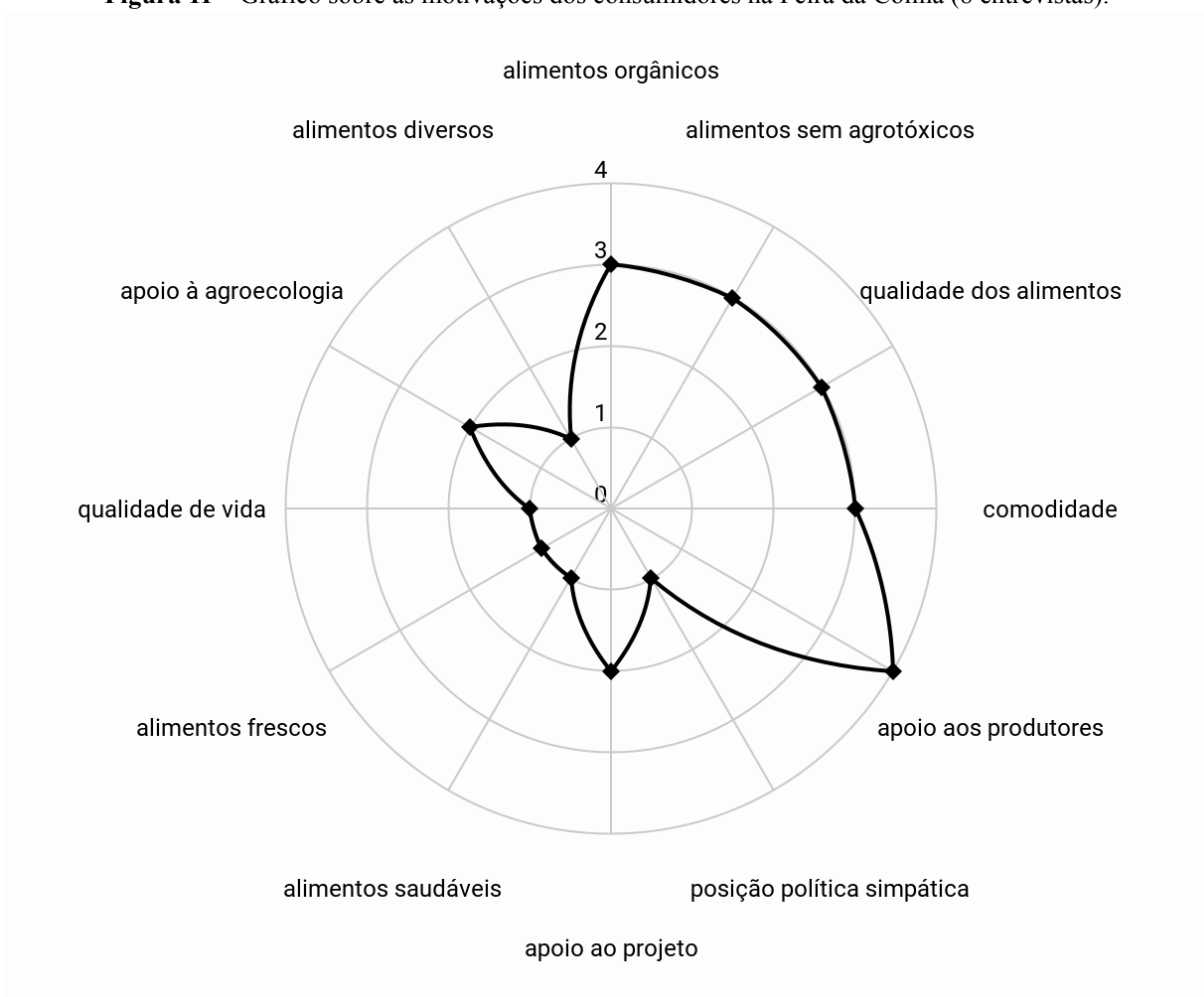
A percepção de valor se mostrou muito positiva, sendo poucos os custos envolvidos ou irrelevantes para a população entrevistada. Na revisão de literatura verificou-se a necessidade da transição para modos de produção baseados na Agroecologia, e isso se mostrou bastante presente nas motivações e benefícios discorridos pelas pessoas entrevistadas. Apesar de haver pessoas com pouco conhecimento sobre Agroecologia, havia outras que estavam fortemente envolvidas com pesquisa e prática relacionada à ciência.

Mesmo não sendo relevante para a análise pretendida nesta pesquisa - já que o foco está nos aspectos subjetivos da percepção dos consumidores na totalidade, não de suas diferenças de gênero, idade, moradia, dentre outros fatores - o perfil dos participantes da pesquisa foi de: na Feira da Colina 10 pessoas (7 mulheres e 3 homens; 6 adultos e 4 idosos; 8 moradores da Colina e 2 de outros lugares) e na Feira da Ponta Norte 12 pessoas (6 mulheres e 6 homens; 7 adultos e 5 idosos; 9 moradores da Ponta Norte e 3 de outros lugares).

4.2 Motivação dos consumidores ao frequentarem feiras agroecológicas

Conforme apresentado na revisão da literatura, a motivação no contexto da escolha de alimentos orgânicos no Brasil se tratava inicialmente de uma questão fortemente ideológica, passando para uma orientação maior aos alimentos e seus fatores nutricionais e de saúde (Dalcin *et al.*, 2014).

Figura 11 – Gráfico sobre as motivações dos consumidores na Feira da Colina (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

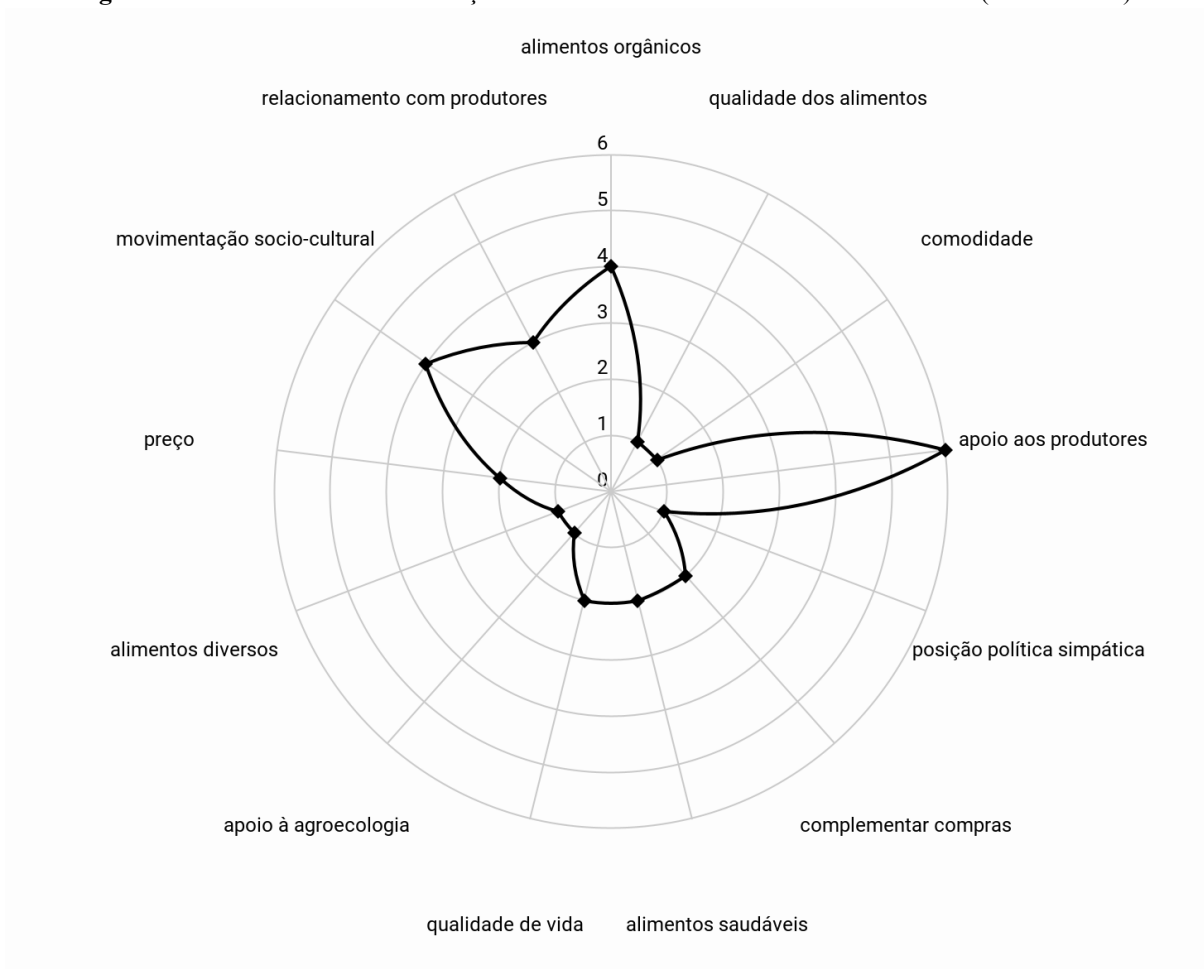
Segundo apresentado pela Figura 11, o apoio aos produtores se mostrou presente em quatro falas durante a entrevista como motivador para ir à Feira da Colina. Essa motivação em apoiar os produtores favorece a permanência destes em cultivos baseados na Agroecologia para não serem puxados aos mercados, destacados por Kremen, Iles e Bacon (2012), nos quais

os produtores rurais têm mínimo poder de negociação. Identifica-se também que são estabelecidas novas relações entre produtores e consumidores apesar das feiras englobarem relações mais individuais que outros arranjos (Belletti; Marescotti, 2017, p. 137), promovendo a aproximação entre os atores (Dias; Révillion; Talamini, 2017, p. 243), como evidenciado pela fala da pessoa participante da entrevista 6 “(...) eu compro, sim, porque é apoio direto a quem produz”.

Nesse sentido, o prejuízo do controle da produção pela comunidade e a desigualdade social impostas pela agricultura convencional (Gliessman, 2009) são rompidas, já que, conforme dialogado com os produtores locais na observação participante, tirando-se os atravessadores o ganho financeiro é integralmente direcionado aos produtores. Isso se relaciona com o proposto pela Agroecologia considerando a relação desta com as dinâmicas socioeconômicas e a orientação ser voltada para a comunidade camponesa (Altieri, 2004; Capra; Luisi, 2014).

Destaca-se ainda que, apesar da predominância do fator “apoio aos produtores” na motivação dos consumidores da Feira da Colina, qualidades relacionadas aos alimentos comercializados são extremamente relevantes, como discorrido na literatura revisada por Gazolla e Schneider (2017) na valorização crescente da qualidade dos alimentos. Conforme demonstra a Figura 11, do total de 25 comentários feitos sobre a motivação, 12 (48%) estão vinculados aos alimentos: qualidade (3 respostas), orgânicos (3 respostas), saudáveis (1 resposta), frescos (1 resposta), diversos (1 resposta), sem agrotóxicos (3 respostas). Na entrevista 3 é possível verificar um relato que corrobora com isso: “É bem prático, a qualidade é muito boa, eu gosto de produtos orgânicos”.

Figura 12 – Gráfico sobre as motivações dos consumidores na Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nas entrevistas realizadas na Feira da Ponta Norte, observa-se novamente a predominância do apoio aos produtores (6 respostas) como principal motivador na ida à feira, o que reforça o discorrido anteriormente sobre as novas relações criadas entre produtores e consumidores a partir das feiras. Além disso, esse apoio se apresenta em diferentes dimensões, como discorrido na seguinte fala:

A gente faz escolhas de apoiar, não só uma alimentação saudável para a gente. Mas uma alimentação saudável para a terra. Uma alimentação saudável para as pessoas envolvidas nesse processo também. Então, respeitando os trabalhadores. É muito legal ver que tem muita gente do MST aqui fazendo essa feira. Então, é uma escolha não só para a gente, mas para toda uma comunidade. A gente entende que a gente está cuidando da saúde geral. Não só nossa, mas também dos animais que a gente faz questão de respeitar. Mas também das pessoas que a gente faz questão de respeitar e de apoiar (PESSOA ENTREVISTADA 3).

Algo que se mostrou diferente do que ocorre na Feira da Colina consiste na movimentação sociocultural, que se apresenta na realidade da Feira da Ponta Norte, inclusive

durante as observações participantes notou-se que todo sábado havia, além do momento mais intenso de pessoas, atividades sociais, culturais, políticas, dentre outras. Em todas as visitas feitas à ponta norte houve algum movimento sociocultural, no dia 6 de maio ocorreu uma roda de saberes com a escola de almas benzedoras de Brasília, no dia 13 maio foi o lançamento da Marcha das Margaridas e no dia 3 de junho durante o campo um jovem tocou *reggae* no centro da feira, além dos movimentos sócio-políticos que ocorrem com frequência (Azevedo; Bezerra; Xavier, 2022). Algumas frases que evidenciam isso são da entrevista 4 e 6 respectivamente: “Às vezes tem as coisas também, tem os movimentos (...) Então você passa, está rolando uma oficina, está rolando uma apresentação. Então, para mim, é um programa cultural mesmo (...) A feira, para mim, tem muito sentido (...)” e “Para a música, para os eventos sociais, digamos, entre aspas. Porque toda vez que eu venho aqui, eu encontro um monte de gente”.

Apesar de ser necessário considerar a realidade do local, caracterizado por pessoas de renda elevada, como diferente da maioria da população brasileira, a demanda crescente por alimentos orgânicos relacionados à saúde das pessoas e do meio ambiente (IPEA, 2020, p. 8) se apresenta na motivação. Por outro lado, fatores como comodidade, posição política simpática, apoio ao projeto, qualidade de vida e apoio à Agroecologia, se destacaram menos com relação à motivação. Não obstante, é possível traçar relações entre esses fatores, como a qualidade de vida e os alimentos saudáveis, ou apoio à Agroecologia com apoio aos produtores e fatores vinculados aos alimentos.

Tanto o apoio, e conexão, aos produtores quanto às qualidades relacionadas aos alimentos, como os atributos saudáveis e de cultivos de base agroecológica, estiveram presentes como motivações na observação participante. Em um primeiro momento, o objetivo era se aproximar, mas gradualmente fomos criando relações mais fortes, evidenciada pelo fato de os produtores haverem comentado sentir falta de nossa presença em um dia que não fomos, que propiciavam um sentimento de pertencimento do coletivo, que se vincula à justiça social apresentada por Altieri (2004) almejada pela Agroecologia.

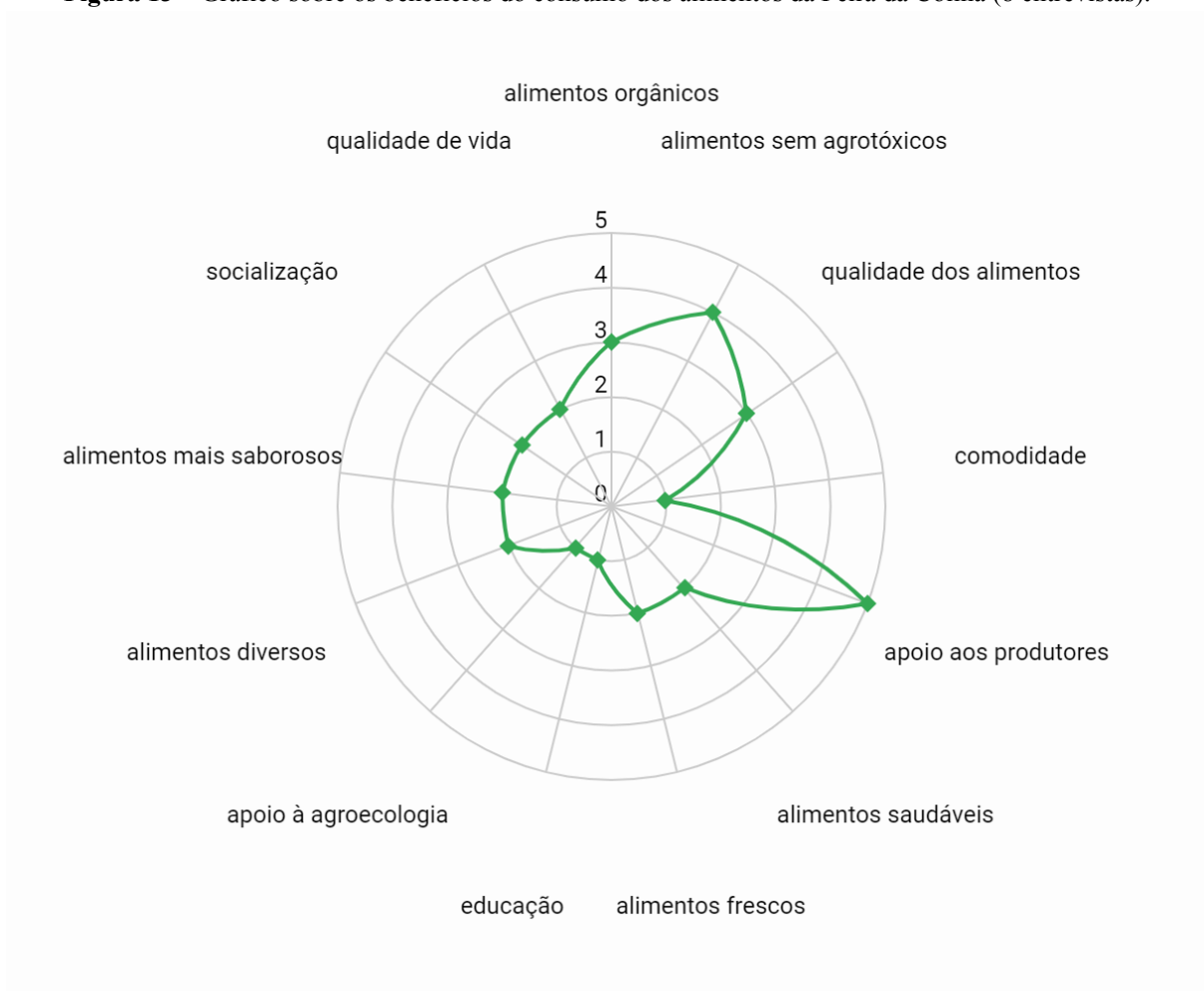
4.3 Relação de valor da compra dos alimentos

A conexão entre motivação e valor é presente na literatura (Dias *et al.*, 2015), sendo ambas inseridas em um contexto sociocultural predominantemente criado e estimulado pela modernidade americana (Layrargues, 2018; McCracken, 2007) em que a subjetividade ganha

um peso a mais nas relações de poder (Guattari, 2012, p. 30-31). Segundo a metodologia de gestão de valor *Management of Value*, a relação de valor é estabelecida pela razão entre benefícios — satisfação das necessidades — e custos — uso de recursos —, sendo esta subjetiva (*The Cabinet Office*, 2010, p. 4-5).

A partir disso, são apresentados gráficos, para cada feira, sobre os benefícios (identificados pela cor verde), custos (identificados pela cor vermelha) e a sobreposição de ambos para análise da relação de valor. Desde já, destaca-se que a motivação e os benefícios demonstraram abarcar fatores similares nos resultados, coincidindo assim com o que foi pontuado por Aertsens *et al.* (2005, p. 1155) em que as necessidades representam o principal motivador dos consumidores, sendo os benefícios - como mencionado anteriormente - representados pela satisfação das necessidades.

Figura 13 – Gráfico sobre os benefícios do consumo dos alimentos da Feira da Colina (8 entrevistas).

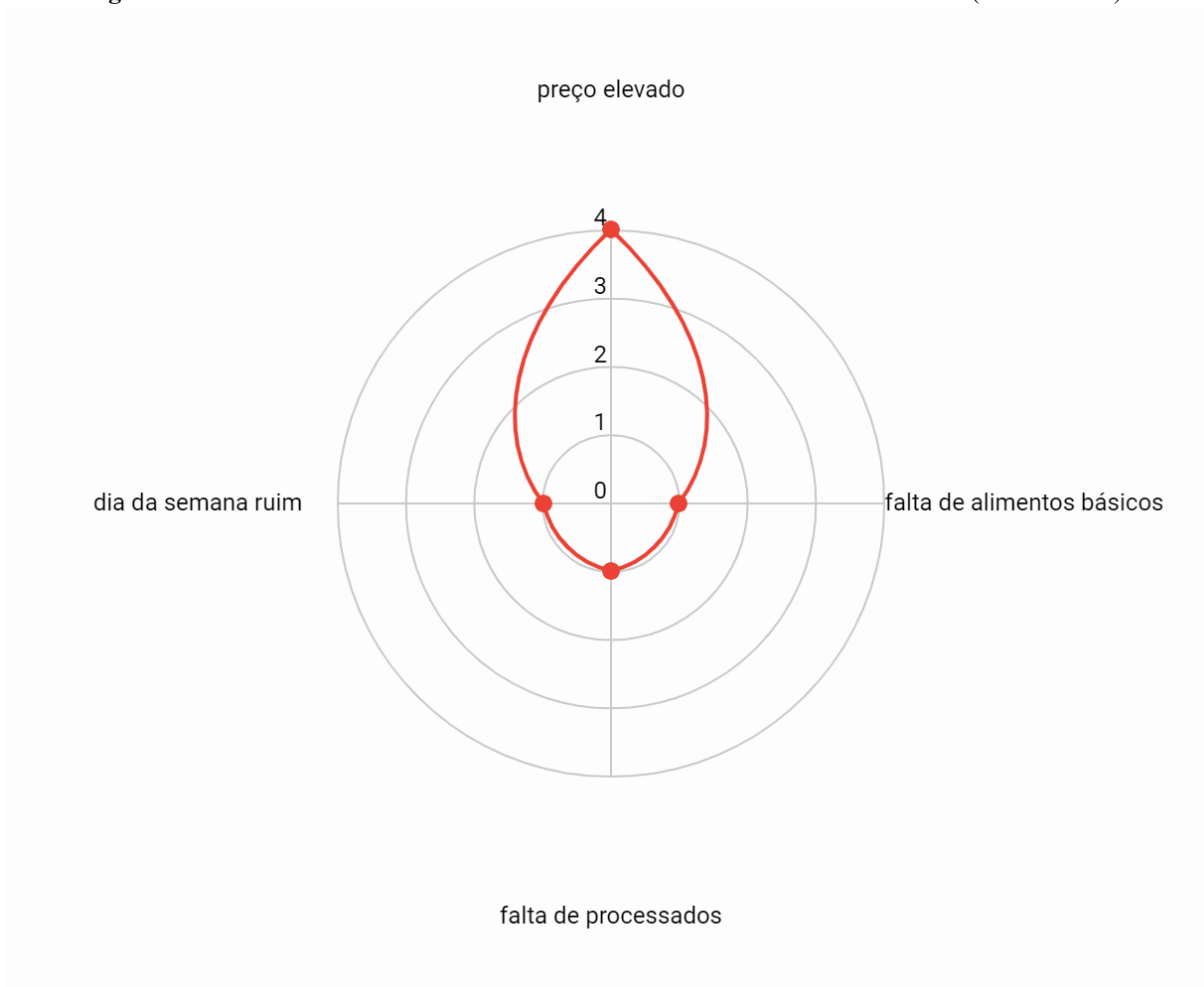


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme observado na Figura 13, predominam os benefícios de apoio aos produtores (5 respostas) e aqueles relacionados às qualidades dos alimentos: alimentos sem agrotóxicos (4 respostas); qualidade dos alimentos (3 respostas); alimentos saudáveis (2 respostas); alimentos frescos (2 respostas); alimentos diversos (2 respostas); alimentos mais saborosos (2 respostas); e alimentos orgânicos (3 respostas). A entrevista 6 traz a percepção de uma consumidora que, em sua resposta, aborda ambos os benefícios: “Toda a questão do sabor. A questão de ser fresco. A questão de comprar direto do produtor. A questão de fazer bem para a saúde”. Ainda, o apoio não se apresenta como algo pontual, mas uma conexão mais profunda e contínua como evidenciado pelas seguintes falas da mesma entrevista: “Vejo que eles estão evoluindo. Não tem preço”; e “Aqui todas as pessoas também estão recebendo seu quinhão [dinheiro]”.

A aproximação entre produtores e consumidores discorrida no subcapítulo anterior sobre motivações, também se expressa nos benefícios e reforça outros aspectos que ampliam ainda mais as novas relações estabelecidas entre ambos (Dias; Révillion; Talamini, 2017) em que as trocas envolvem também particularidades educativas e de lazer (Darolt *et al.*, 2016) e a valorização do conhecimento camponês dos produtores locais (Rossi; Brunori, 2017). Outro trecho da entrevista 6 demonstra como as trocas cultivadas promovem os benefícios mencionados potencializando o valor gerado: “Feira é festa”; e “Tem uma conversa. Tem uma coisa pedagógica. E isso a gente supervaloriza”. Assim, nota-se como fatores da dimensão simbólica (Guattari, 2012; Layrargues, 2018; McCracken, 2007; Rossi; Brunori, 2017) também existem nas relações, e elevam a relação de valor.

Figura 14 – Gráfico sobre os custos do consumo dos alimentos da Feira da Colina (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Segundo a Figura 14, o principal custo identificado pelos consumidores no consumo de alimentos de bases agroecológicas na Feira da Colina é o preço elevado (4 respostas), porém todas as pessoas mencionaram que vale a pena comprar da feira quando comparado aos mercados que vendem produtos da agricultura convencional, como expressado pelo seguinte trecho:

Você compra um produto, um preço um pouco acima do mercado, mas compensa. Então, ao invés de comprar desses mercados, que são produtos já com pouco valor de saudável (...). São produtos velhos (...). Para você consumir. A questão financeira (...). O custo e o benefício. Ele chega a custar um pouco mais, mas compensa (PESSOA ENTREVISTADA 1).

Dessa maneira, o valor gerado é apresentado como positivo, ou seja, havendo maior peso nos benefícios que nos custos. Outras questões mencionadas foram o dia da semana

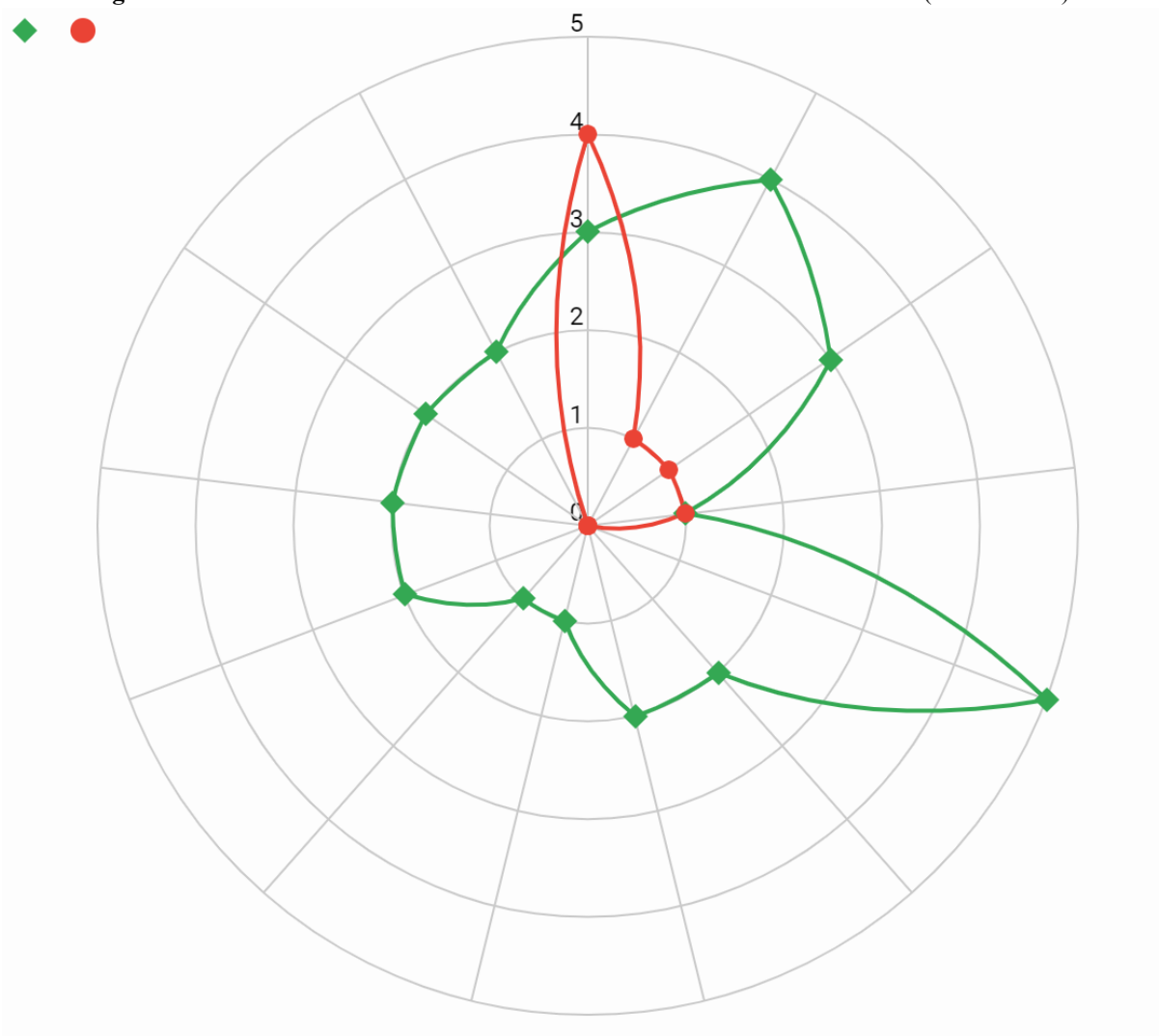
“ruim” (1 resposta), a falta de alimentos básicos (1 resposta) e a falta de processados (1). Tratando sobre o dia da feira, o aspecto “ruim” se refere a ocorrer no meio da semana (quarta-feira), prejudicando o planejamento alimentar da oitava entrevistada, como mencionado por ela: “Porque eu costumo, normalmente, já fazer a compra das verduras para a semana na segunda, no domingo ou na segunda (...)”. Isso ocorreu também durante a observação participante, já que o pesquisador se identifica nesse aspecto de realizar as compras no fim de semana planejando as refeições da semana seguinte. Apesar disso, como mencionado por ela e também presente na perspectiva do pesquisador, “(...) a motivação é grande”.

Além disso, a falta de alimentos básicos foi mencionada na entrevista 3, exemplificado pelo tomate, também representa algo que não agrada na totalidade alguns consumidores, não obstante, na entrevista 4 apareceu algo muito relevante para explicar o porquê de não haver na feira os alimentos chamados de básicos, conforme o trecho: “E a pessoa tem que entender o que é a sazonalidade”. Nesse sentido, a agricultura de base agroecológica, através da integração com a ecologia, compreende que a produção deve ocorrer conforme o tempo da natureza (Altieri, 2004; Capra; Luisi, 2014), não das falsas necessidades impostas pelo poder simbólico do capitalismo moderno industrial (Guattari, 2012).

Sobre a ausência de processados, apesar de identificado nos custos por escolha do pesquisador de incluir tudo aquilo que pudesse representar custoso, não foi totalmente apresentado em um tom de custo, mas uma demanda para os produtores levarem esses outros produtos, minimamente processados, como compotas, visando apoiar na diversificação dos produtos como apresentado no trecho da pessoa entrevistada 5:

Eu ainda sinto falta, assim, que eles comecem a trazer os processados deles. Então já tem ali alguma pastinha, mas você tem compotas, você tem uma série de coisas processadas que podem ser também um processamento saudável (PESSOA ENTREVISTADA 5).

Figura 15 – Gráfico sobre o valor do consumo dos alimentos da Feira da Colina (8 entrevistas).



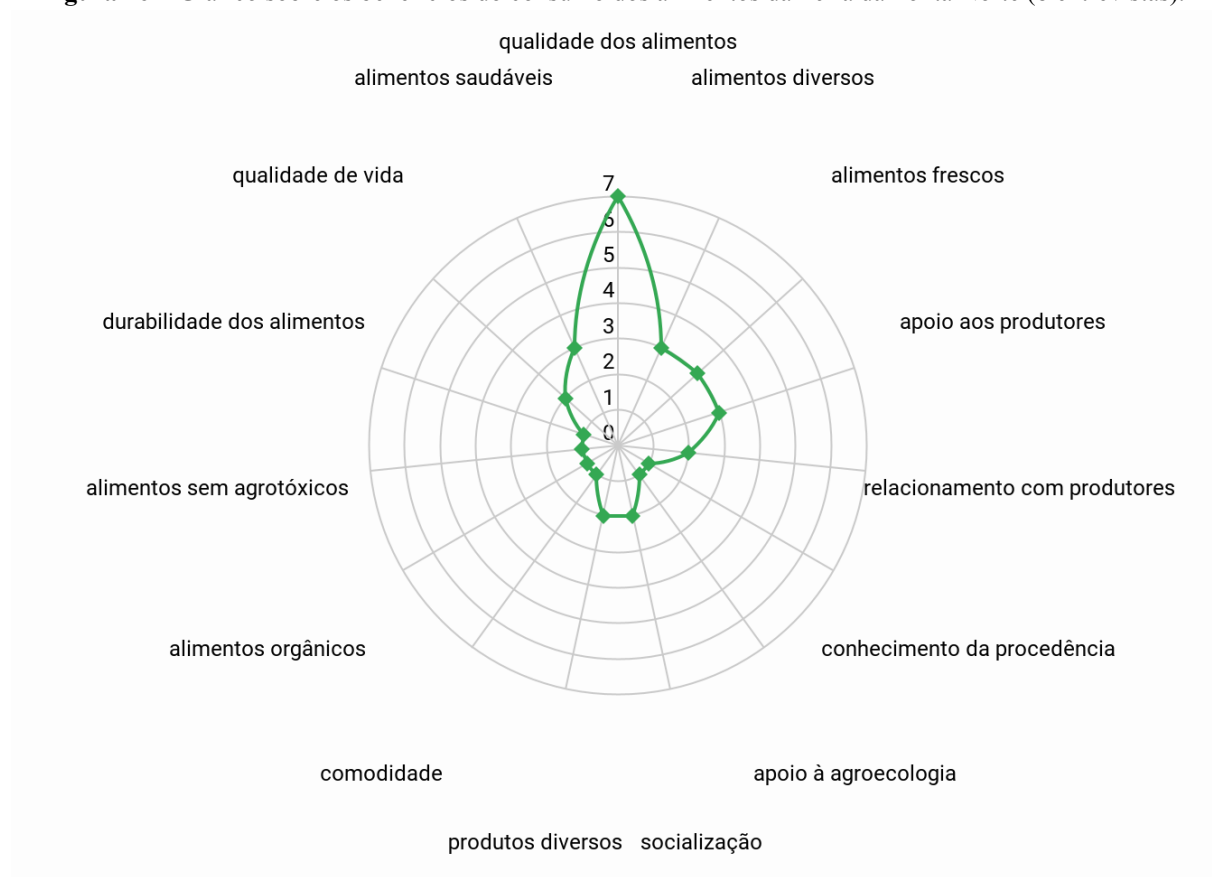
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nota: Na Figura 15 os losangos (cor verde) representam os benefícios e os círculos (cor vermelha) referem-se aos custos.

Mesmo com o preço elevado, quando comparado aos produtos convencionais, há a tendência de haver mais benefícios que custos, representando a relação de valor como positiva conforme expõe a Figura 15. Nesse sentido, o preço não se apresenta como algo tão importante para a decisão de compra das pessoas entrevistadas, pesando muito mais os benefícios de comprar algo direto do produtor, sem agrotóxico, fresco, dentre outras qualidades dos alimentos da feira. Ademais, outros custos que poderiam não agradar os consumidores, como o dia da feira e não serem encontrados todos os produtos para as compras, são compreendidas pelos entrevistados como fazendo parte do contexto e da agricultura de base agroecológica de pequena escala, conforme exemplificado pelos seguintes trechos da entrevista 1: “Tem um preço agregado por ser orgânico. Então, certamente ele é

mais caro um pouco (...). E como a produção é em pequena escala, isso não favorece muito a questão do preço”.

Figura 16 – Gráfico sobre os benefícios do consumo dos alimentos da Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

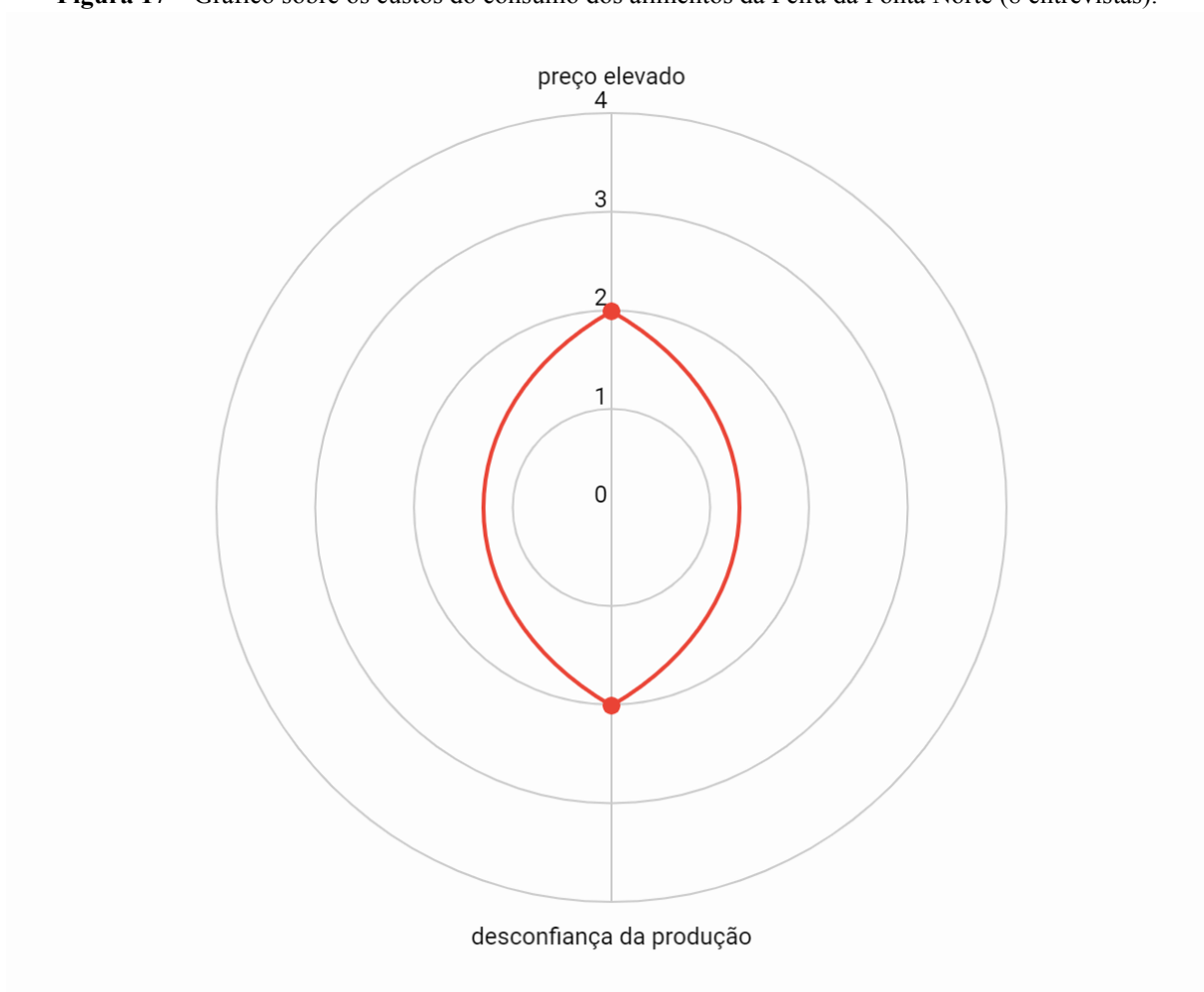
Segundo consta na Figura 16, a qualidade dos alimentos é o benefício mais compartilhado pelos consumidores, já que apenas uma pessoa entrevistada não mencionou, totalizando a presença desse fator em 7 respostas. Outros fatores relacionados aos alimentos presentes nas entrevistas foram: alimentos sem agrotóxicos (1 resposta); alimentos diversos (3 respostas); alimentos frescos (3 respostas); alimentos orgânicos (1 resposta); durabilidade dos alimentos (1 resposta); alimentos saudáveis (3 respostas). Assim, mais de 57% dos benefícios estão associados à qualidade e outras características dos alimentos.

Duas frases que demonstram a prevalência da qualidade são das entrevistas 6 e 2 respectivamente: “Então, é uma opção de qualidade da minha alimentação (...). Mas, eu sei que no país que a gente vive é um privilégio, infelizmente. Então, a vantagem é essa, de ter tudo muito fresco, de ótima qualidade (...)”; e “E, também pela qualidade (...). Você tem muita coisa orgânica (...). Os alimentos aqui são orgânicos, então você tem mais qualidade (...)”.

Apesar disso, é relevante destacar a questão do privilégio comentado na entrevista 6, que também apareceu em outras duas entrevistas na Ponta Norte, característico da localização da feira em que predominam pessoas de renda elevada.

Alguns fatores evidenciam diferenças que se destacaram comparando com o que foi encontrado na Feira da Colina, como o relacionamento com produtores - que trata de, como apresenta o quinto entrevistado “você estabelece também uma relação com as barraquinhas” -, e a diversidade de produtos - que diferentemente da diversidade de alimentos, representa produtos minimamente processados vendidos pelos produtores, como afirmado na entrevista 1 “tipo, às vezes uns pestos, umas coisas assim, que é artesanal”-.

Figura 17 – Gráfico sobre os custos do consumo dos alimentos da Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).

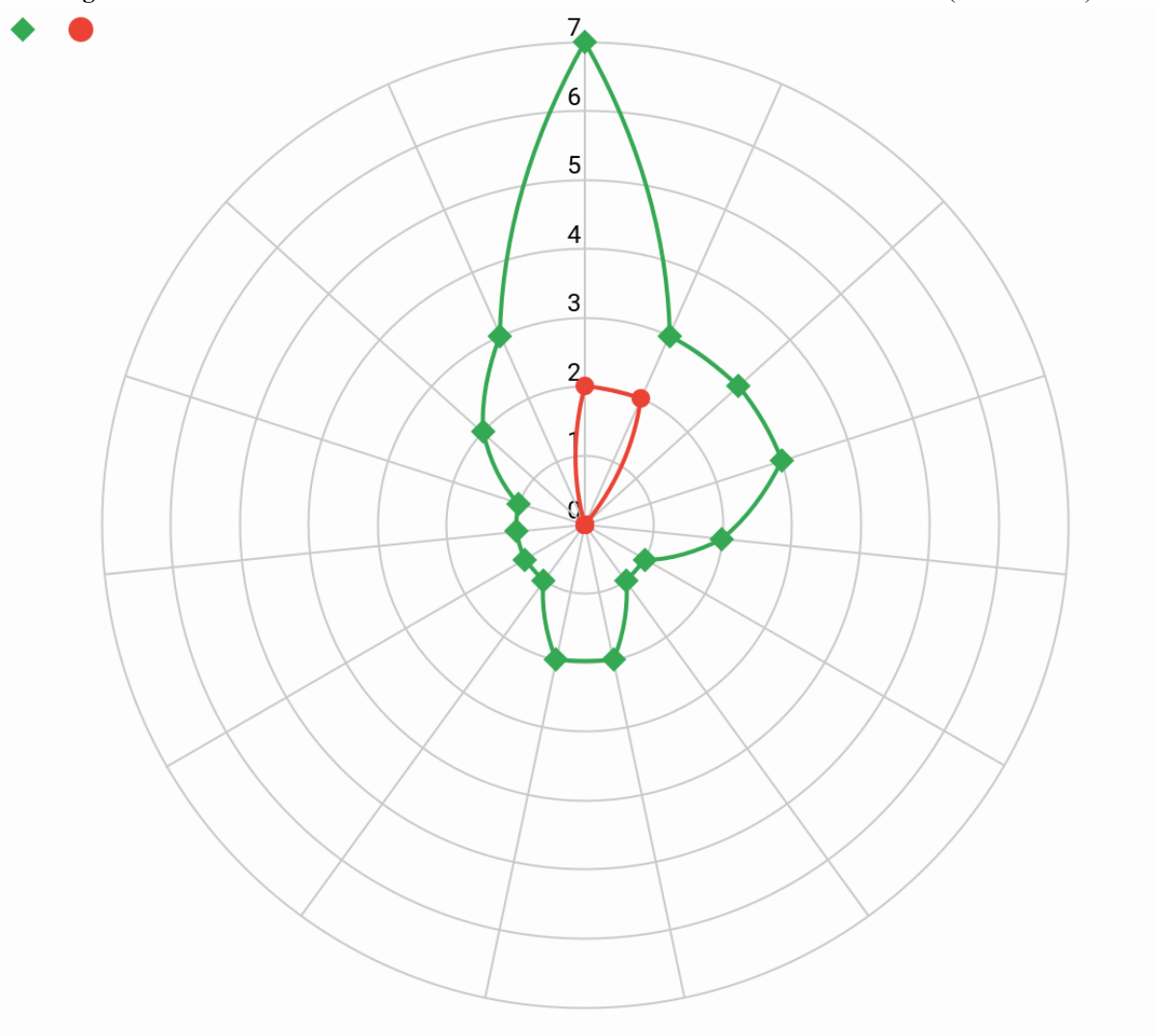


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A Figura 17 demonstra os custos mencionados pelos consumidores, sendo os únicos mencionados o preço elevado (entrevistas 5 e 6) e a desconfiança da produção (entrevistas 4 e 7). Tratando do preço, houve entrevistas em que inclusive foi comentado que os alimentos

estavam baratos, o que surpreendeu bastante, porém houve entrevistados que discordaram, como a sexta entrevistada: “Eles são mais caros, necessariamente, do que no mercado. Então, eu sei que eles não são acessíveis para todo mundo (...). Isso é um problema da Agroecologia e da produção orgânica em geral”. Sobre a desconfiança da produção, verificou-se que a ausência de certificações pode gerar isso, como discorrido na entrevista 4: “O produtor está te dizendo que é orgânico, mas não tem certificação, não tem nada que te prove isso. Você está confiando na palavra da pessoa (...). Então, às vezes, para uma coisa ou outra me bate [desconfiança]”.

Figura 18 – Gráfico sobre o valor do consumo dos alimentos da Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Nota: Na Figura 18 os losangos (cor verde) representam os benefícios e os círculos (cor vermelha) referem-se aos custos.

Avaliando a relação de valor visualmente pela Figura 18, nota-se novamente a tendência de haver mais benefícios que custos. Nesse sentido, destaca-se um trecho da

entrevista 5 muito interessante para demonstrar o valor dos produtos de bases agroecológicas, principalmente com relação aos benefícios à saúde: “E, assim, tá bom, não é o mais barato do mundo, mas pô, é aquela história, a quimioterapia é muito mais cara”. Ademais, os custos apresentados anteriormente, não se demonstram impeditivos para os entrevistados, que contam com uma renda mais elevada, sendo a desconfiança um fator que com a aproximação entre os produtores e consumidores, e fundamentalmente com o benefício do relacionamento apresentado no caso da Feira da Ponta Norte, vai sendo modificado.

Uma comprovação da materialização do relacionamento entre consumidores e produtores criando confiança é observado no seguinte trecho (uma das pessoas que mencionou a desconfiança na produção):

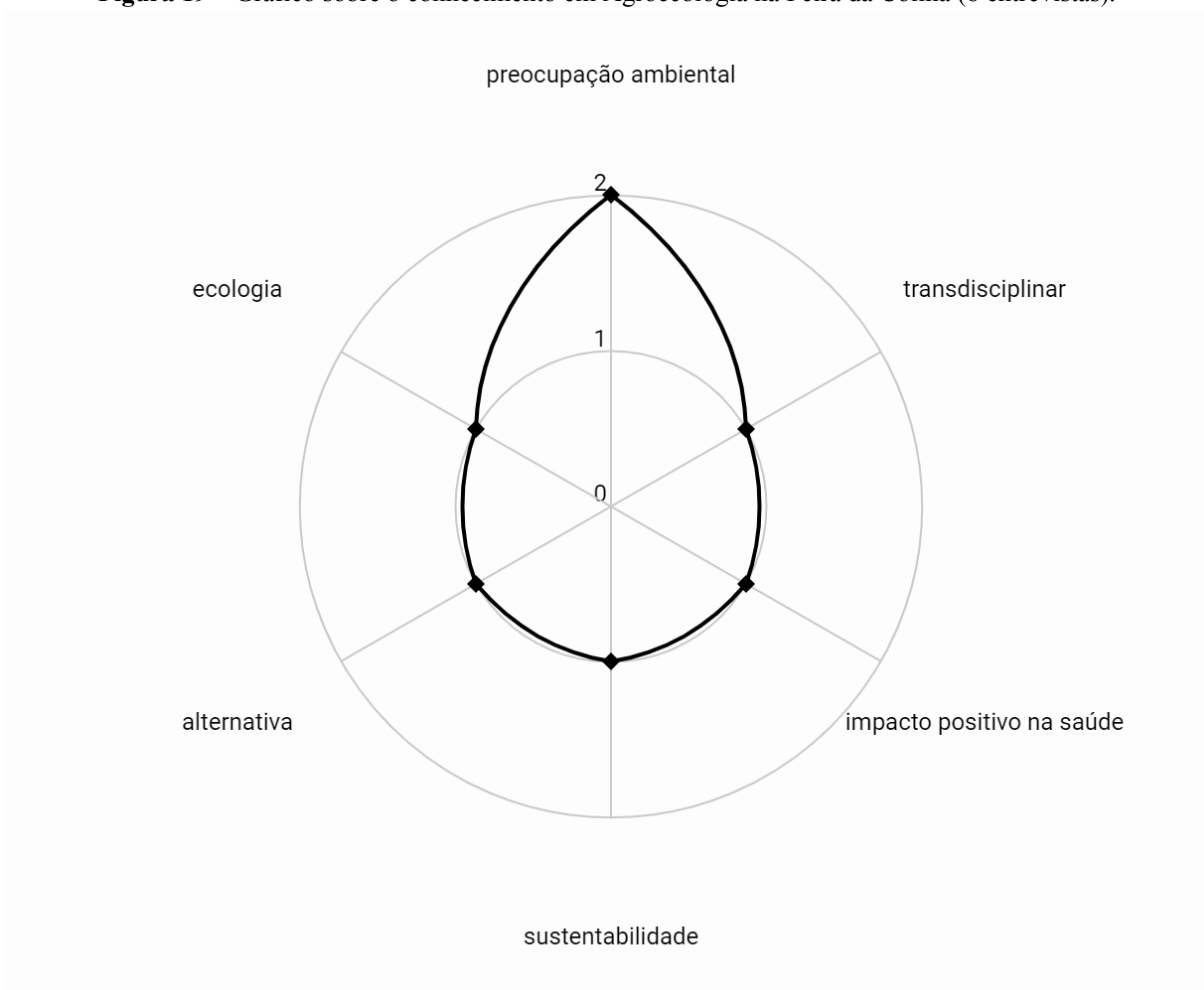
Aí, essa coisa de ir conhecendo a pessoa e conversando, você vê que a pessoa realmente é da Agroecologia, aí você vai vendo, assim, ah, legal, acho que realmente é uma pessoa que tem princípios, então eu não acho que ela ia colocar aqui, falar que essa maçã é orgânica, maçã não é orgânica. Mas isso vai muito do processo de construção dessa confiança (...) (PESSOA ENTREVISTADA 4).

4.4 Nível de conhecimento sobre Agroecologia

O interesse em compreender mais profundamente o que representa a Agroecologia motivou a realização desta pesquisa, e ao longo de toda a experiência foi possível alcançar essa ambição. Sabe-se que o sistema alimentar atual, em que há o predomínio da agricultura convencional, é insustentável (Gliessman, 2009) e agrava ainda mais a crise generalizada que abarca aspectos sociais, econômicos e ambientais (Altieri, 2004). Ainda, o modelo de desenvolvimento (Sachs, 2000) iniciado com a recente Revolução Industrial (Capra; Luisi, 2014; Harari, 2011) e agravado com a Revolução Verde alterou profundamente o sistema de valores da humanidade.

A Agroecologia, enquanto uma ciência, se apresenta como uma solução sistêmica (Capra; Luisi, 2014) no redesenho, não linear e contínuo, do sistema agrícola (Altieri, 2004). Apesar de não haver uma definição exata para o termo (Sousa; Lima; Sabioni, 2021), a transição agroecológica (Altieri, 2004) requer que haja conhecimento sobre a Agroecologia, tanto por parte dos produtores como dos consumidores, fundamentalmente para não ser tratada como apenas um produto de mercado que pode ser vendido, como aponta Pinheiro (2018). Dessa forma, os consumidores das Feiras da Colina e da Ponta Norte foram questionados sobre o conhecimento e representatividade do conceito para eles.

Figura 19 – Gráfico sobre o conhecimento em Agroecologia na Feira da Colina (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Desde já, é importante frisar que não foi possível questionar sobre o conhecimento de Agroecologia para os primeiros quatro entrevistados da Feira da Colina devido ao esquecimento do pesquisador em realizar essa pergunta. Apesar disso, a Figura 19 demonstra os fatores mencionados pelos respondentes, sendo a preocupação ambiental o aspecto mais marcante com duas menções (entrevistas 3 e 7). Isso pode ser percebido através do seguinte relato da entrevista 3: “Então, assim, sei que eles evitam produtos, evitam produzir de uma forma que agride o ambiente”.

Apesar disso, notou-se que apenas na entrevista 6 as pessoas que participaram estavam fortemente engajadas no contexto da Agroecologia, destacando-se o seguinte trecho que se relaciona com o aspecto transdisciplinar dela: “(...) porque na Agroecologia você precisa de todas as áreas (...). Hoje mesmo a gente dialoga muito com o pessoal da área da saúde, por conta de produzir alimento com impacto positivo sobre a saúde (...)”. Outra pessoa

entrevistada discorreu bastante sobre a insustentabilidade da agricultura convencional e trouxe a Agroecologia como alternativa:

O agronegócio hoje representa o que é talvez o pior na sociedade brasileira... primeiro que eles não produzem para o povo brasileiro, eles produzem para exportar (...) enfim, e segundo que é isso, o agronegócio ele tem uma lógica de destruição ambiental que é completamente incompatível com a necessidade que nós temos hoje de combater mudança climática... por isso que a Agroecologia. Eu a mostro como uma alternativa (...) a esse projeto de destruição (PESSOA ENTREVISTADA 7).

Figura 20 – Gráfico sobre conhecimento em Agroecologia na Feira da Ponta Norte (8 entrevistas).



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na Feira da Ponta Norte todas as pessoas entrevistadas responderam à pergunta sobre o conhecimento em Agroecologia, sendo os dois fatores mais comentados o respeito à natureza (5 respostas) e o impacto positivo na saúde, tanto nas pessoas como na natureza (4 respostas) coincidindo assim com os princípios ecológicos e socioeconômicos apresentados por Altieri (2004). Sobre os fatores apontados, o seguinte trecho dialoga sobre:

Mas eu acho que é interessante difundir para a população entender a importância (...). O que é o respeito também. Não só a saúde, mas também a natureza, você poder plantar sem agressão (...). Respeitando o bioma, os recursos, protegendo a terra (PESSOA ENTREVISTADA 2).

Outro relato que representa os fatores mencionados é encontrado na entrevista 4: “é produzir alimentos que sejam saudáveis para gente e com o menor impacto ambiental possível (...). Produzir junto com a natureza”. Outro fator que chamou a atenção foi a menção às técnicas de manejo e o entendimento que a Agroecologia se trata sobre algo complexo:

(...) eu vejo igual agrofloresta (...). Assim, você deixa a monocultura... são várias culturas, tudo juntinho. Uma complementando ou protegendo a outra... ponho aqui uma cultura que atrai determinada praga, então do lado eu ponho a outra que combate essa praga. Não é só a coisa do ah, é do agrotóxico, não tem agrotóxico. Eu acho que vai muito além (...) (PESSOA ENTREVISTADA 4).

Há também o “resgate”, que apesar de haver sido colocado apenas uma vez, foi muito interessante a perspectiva conforme discorrida no relato:

(...) um resgate de uma relação da natureza e da produção mais alinhada e respeitosa das dinâmicas da terra. A gente não é exterior. Então, é algo que algumas pessoas nunca perderam. Sei lá, indígenas, quilombolas. Saber de onde vem a sua comida. Então, é um resgate (PESSOA ENTREVISTADA 6).

Por fim, a frase destacada exemplifica a percepção de que a agroecologia visa resgatar uma relação mais harmônica e respeitosa com a natureza, promovendo a produção de alimentos alinhada às dinâmicas da terra. Tal abordagem reconhece que os seres humanos não estão separados do ambiente em que vivem, e enfatiza a importância de conhecer a procedência dos alimentos que consumimos. A referência aos povos indígenas e quilombolas como detentores desse conhecimento ancestral demonstra a existência de grupos conectados com a origem dos alimentos e com a terra. Portanto, essa percepção reforça a importância de resgatar e valorizar o conhecimento sobre agroecologia, incentivando práticas agrícolas mais sustentáveis e conscientes. Diante disso, observa-se que o nível de conhecimento sobre agroecologia pode ser considerado diverso, havendo grupos e comunidades que mantêm uma conexão profunda com essa abordagem e outras que ainda têm um longo caminho para percorrê-la.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo, busca-se apresentar de maneira concisa os resultados da pesquisa, atrelados às conclusões fundamentadas nas análises realizadas. Depois, são abordadas as limitações encontradas e oferecidas sugestões para pesquisas futuras.

Conforme apresentado, a alimentação é importante para a dinâmica dos ecossistemas, tanto naturais como sociais, em que se materializa a agricultura. Apesar disso, a interferência humana predatória, principalmente com a Revolução Industrial e a Revolução Verde, geraram problemas sistêmicos sem precedentes para os ecossistemas e a formação da dimensão simbólica da sociedade de consumo. O resgate histórico é relevante para compreendermos a crise generalizada (ambiental, social e econômica) em que nos encontramos, sendo cada vez mais comprovada a insustentabilidade da agricultura convencional, sendo preciso soluções sistêmicas, capazes de combater diversos problemas simultaneamente.

Diante disso, a Agroecologia se apresenta como uma ciência que pode contribuir para pensarmos em agroecossistemas sustentáveis que formem um novo sistema alimentar socialmente justo, ambientalmente adequado e economicamente viável. Apesar disso, uma das limitações para a transição consiste na dominação simbólica por parte da sociedade de consumo que, conforme discorrido no resgate histórico, foi moldada desde a Revolução Industrial, impactando assim na percepção de valor dos consumidores. As feiras agroecológicas são um arranjo de comercialização que expressa essa corrente contra hegemônica, mas para seu funcionamento e expansão faz-se necessário analisar o comportamento dos consumidores, sendo a perspectiva de valor um aspecto importante considerando a formação de novas subjetividades simbólicas, que podem se mostrar capazes de gerar subjetivações que apoiem a Agroecologia, nesses ambientes.

Nesse contexto, esta pesquisa visou analisar a percepção de valor dos consumidores de alimentos hortifrutigranjeiros nas feiras agroecológicas da Ponta Norte e da Colina, Brasília-DF, por meio do delineamento de estudo de caso de caráter qualitativo e exploratório, utilizando entrevistas semiestruturadas e observação participante como instrumentos de coleta de dados primários, somado às informações secundárias investigadas através da revisão de literatura, sendo posteriormente feita a análise de conteúdo. Dentro disso, definiram-se os seguintes objetivos específicos: (1) apresentar uma revisão bibliográfica sobre a percepção de valor; (2) investigar a motivação; (3) descrever os benefícios e os custos; (4) identificar o nível de conhecimento sobre Agroecologia.

Conclui-se a partir desta pesquisa, que o valor do consumo de alimentos de bases agroecológicas no contexto analisado é positivo, no sentido de carregar uma relação de custo-benefício que satisfaz as necessidades dos consumidores das feiras da Colina e da Ponta Norte. Apesar dos custos, como o elevado preço dos alimentos, os benefícios de apoiar os produtores e a qualidade dos alimentos motivam os consumidores na ida às feiras. Ainda, a percepção de valor dos consumidores representa um incentivo para a transição agroecológica, principalmente pela presença de novos simbolismos alinhados à Agroecologia, mas o consumo ainda é predominantemente complementar ao convencional.

Salienta-se que o valor simbólico percebido pelos consumidores discorrido no texto foi fruto do diálogo e participação na realidade vivida nas feiras, não cabendo tudo nas entrevistas e observação participante. A partir da vivência desta pesquisa, foi possível articular a Agroecologia não como algo dado, mas como “broto” incipiente de uma nova maneira de perceber o que representa o “comer” e o alimento de bases agroecológicas. Muito além de ser saudável, orgânico, fresco, e outras qualidades que possam ser atribuídas a esses alimentos, estes representam o cultivo de uma nova maneira de enxergar a vida e nossa relação com a natureza e a sociedade.

Em outras palavras, a pesquisa revela uma conexão entre a agroecologia e o valor de consumo nos contextos analisados. No entanto, essa relação positiva não está exclusivamente ligada à satisfação das necessidades básicas e práticas dos consumidores, mas está cada vez mais associada a um significado social e emocional presente nas opiniões dos participantes. Esse significado inclui as feiras como espaços de criação de novos valores simbólicos que surgem a partir da relação entre produtores e consumidores, frequentemente presentes nas cadeias curtas.

Não obstante, a falta de acesso da maioria da população a alimentos de bases agroecológicas representa um impedimento considerando a presença da justiça socioeconômica na Agroecologia. Além disso, o conhecimento sobre Agroecologia dos consumidores se mostrou reduzida quando comparado ao que foi identificado na revisão da literatura, destacando-se apenas fatores de respeito e preocupação com o ambiente e impactos positivos na saúde.

Ainda, destacam-se limitações que podem afetar os resultados obtidos nesta pesquisa, como a quantidade de feiras e participantes selecionados para as entrevistas, já que estes representam uma pequena parte dos consumidores que frequentam cada feira, além dos recursos (tempo e disponibilidade das pessoas) para a coleta e posterior análise de dados.

Para pesquisas futuras, recomenda-se que, havendo mais disponibilidade de recursos, sejam conduzidas mais entrevistas e opte-se por uma abordagem mista de coleta de dados para conseguir realizar um cruzamento que possibilite maior abrangência e validação das informações obtidas. Ademais, a condução de entrevistas mais demoradas, caso seja possível, pode contribuir com a compreensão de especificidades que, em pouco tempo de conversa, não foi possível captar e poderiam contribuir com os fatores identificados em cada uma das perguntas.

Resgata-se ainda que houve um dilema que permeou a pesquisa do início ao fim, este trata sobre o diálogo entre o movimento contra hegemônico proposto pela Agroecologia e consumo, que se mostra como algo que mantém o sistema vigente. Diversos foram os momentos de incômodo nos quais o pesquisador se questionava sobre se a “perspectiva de valor dos consumidores” se apresentaria de modo a contribuir com a transição, não como um produto de mercado, mas como o empoderamento do camponês. Outro dilema consiste nas feiras agroecológicas, já que se não há produtos agroecológicos como pode haver feiras agroecológicas.

Diante dessas indefinições, a conclusão que floresce nesse “chão” aparentemente infértil é que o redesenho dos agroecossistemas, como última fase da transição, não tem um fim e não é linear. Assim, faz-se necessário compreender que não será do dia para a noite que iremos colher abundância, como apresentado por um agricultor do MST que participa de ambas as feiras, sendo preciso trabalhar com os insumos atuais, neste caso a forma de consumo do capital, visualizando o redesenho futuro.

REFERÊNCIA

- ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Pós-extrativismo e decrescimento**: Saídas do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 2018.
- AERTSENS, Joris; VERBEKE, Wim; MONDELAERS, Koen; VAN HUYLENBROECK, Guido. Personal determinants of organic food consumption: a review. **British Food Journal**, vol. 111, n. 10, p. 1140-1167, 2005.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. Apresentação da edição.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 87.
- ALVES, Eliseu; CONTINI, Elisio; GASQUES, José, 2008. p. 67-99. In: ALBUQUERQUE, Ana.; SILVA, Aliomar (Ed.). Agricultura tropical: quatro décadas de inovações tecnológicas, institucionais e políticas. Brasília, DF: **Embrapa Informação Tecnológica**, 2008. Disponível em:
<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/507674/agricultura-tropical--quatro-decadas-de-inovacoes-tecnologicas-institucionais-e-politicas>. Acesso em 21 jun. 2023.
- AZEVEDO, Daniel; BEZERRA, Juscelino; XAVIER, Vitor. Novas estratégias político-espaciais em um Brasil polarizado: o estudo de caso da Feira Agroecológica da Ponta Norte de Brasília (DF-Brasil). **Revista NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária**, v. 25, n. 64, p. 154-179, 2022. Disponível em:
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/9182/6835>. Acesso em 15 jun. 2023.
- BAUER, Martin. in: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BAUER, Martin; ALLUM, Nicholas; GASKELL, George. in: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BARBOSA, Nelson. **Evolução do PIB per capita e situação política**. Fundação Getúlio Vargas, 2020. Disponível em:
<https://blogdoibre.fgv.br/posts/evolucao-do-pib-capita-e-situacao-politica>. Acesso em 3 mar. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELLETTI, Giovanni; MARESCOTTI, Andrea. Inovações econômicas em cadeias curtas de abastecimento alimentar. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 137. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 8 jun. 2023.
- BLAIKIE, Piers. *The Political Economy of Soil Erosion in Developing Countries*. 1 ed. New York: **Routledge**, 2016.
- BONA, Camila; RIBEIRO, Pablo. Sobre a produtividade e a semântica do prefixo des- no português brasileiro atual. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 34, n. 2, 2018. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39346>. Acesso em 29 abr. 2023.

BROCK, William. **Justus von Liebig: o porteiro químico**. Imprensa da Universidade de Cambridge, 2002.

CASFS (CENTRO DE AGROECOLOGIA E SISTEMAS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS DA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA). **About the Center for Agroecology**. Disponível em:

<https://agroecology.ucsc.edu/about/index.html#:~:text=Rooted%20in%20the%20Division%20of,agricultural%20extension%2C%20and%20public%20service>. Acesso em 29 mai. 2023.

CASSOL, Adriano; SCHNEIDER, Sergio. Construindo a confiança nas cadeias curtas: interações sociais, valores e qualidade na Feira do Pequeno Produtor de Passo Fundo/RS. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (orgs.). **Cgazzoladeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 208. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 8 jun. 2023.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier. **The Systems View of Life: A Unifying Vision**. Cambridge University Press, 2014.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 1. ed. São Paulo: Editora Gaia, 2010.

CHANDEL, Lucas; PIKETTY, Thomas; SAEZ, Emmanuel; ZUCMAN, Gabriel. **World Inequality Report 2022**, World Inequality Lab. Disponível em: <https://wir2022.wid.world/>. Acesso em 16 mai. 2023.

CMMAD (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988.

DALCIN, Dionéia; LEAL DE SOUZA, Angela; DE FREITAS, João; PADULA, Antônio; DEWES, Homero. Organic products in Brazil: from an ideological orientation to a market choice. **British Food Journal**, vol. 116, n. 12, p. 1998-2015, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269995929_Organic_products_in_Brazil_from_an_ideological_orientation_to_a_market_choice. Acesso em 5 jul. 2023.

DAROLT, Moacir; LAMINE, Claire. Dimensões da produção e consumo de alimentos de base ecológica em circuitos curtos na França e no Brasil. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 345. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 8 jun. 2023.

DAROLT, Moacir; LAMINE, Claire; BRANDENBRUG, Alfio; ALENCAR, Maria; ABREU, Lucimar. Alternative food networks and new producer-consumer relations in France and in Brazil. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 161-180, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/KgSQNgpc5gF5Tx65N9H7DGd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 3 jun. 2023.

DIAS, Valéria; RÉVILLION, Jean; TALAMINI, Edson. Cadeias curtas de alimentos orgânicos: aspectos das relações de proximidade entre consumidores e agricultores no Brasil. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 243. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 8 jun. 2023.

DIAS, Valéria; RÉVILLION, Jean; SCHULTZ, Glauco; SCHUSTER, Marcelo; TALAMINI, Edson. O mercado de alimentos orgânicos: um panorama quantitativo e qualitativo das publicações internacionais. **Ambiente & Sociedade**, vol. 18, n. 1, p. 155-174, 2015.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/NcMnwgTL8hSGBB4RRVB3Q4J/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 5 jul. 2023.

DIRT! The Movie: narrado por Jamie Lee Curtis [filme]. Direção: Bill Benenson, Gene Rosow. Estados Unidos: Common Ground Media, 2009. 1 DVD (86 min).

FAO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA). **Seminário regional de agroecologia na América Latina e Caribe**.

Brasília: FAO, 2015. Disponível em: <https://www.fao.org/3/au435o/au435o.pdf>. Acesso em 18 jun. 2023.

FAO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA). **Agricultural production statistics**. 2000–2020. FAOSTAT Analytical Brief Series No. 41. Rome: FAO, 2022. Disponível em:

<https://www.fao.org/3/cb9180en/cb9180en.pdf>. Acesso em 7 jul. 2023.

FAO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA). **The State of Food Security and Nutrition in the World 2022**:

Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable. Rome:

FAO, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cc0639en>. Acesso em 23 mai. 2023.

FAO (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA). **Agroecology Knowledge Hub**, 2023. Disponível em:

<http://www.fao.org/agroecology/en/>. Acesso em 29 mai. 2023.

GAIA, Joice; GOMES, Amanda; OLIVEIRA, Ana; SOUZA, Bianca; WANDERLEY, Thiago; LONGO-SILVA, Giovana. Alimentos em feiras agroecológicas e orgânicas são mais caros que convencionais em supermercados? **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 176-191, 2022. Disponível em:

<https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/23542/14406>. Acesso em 22 jun. 2023.

GASKELL, George. in: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um Manual Prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 15. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: Acesso em 8 jun. 2023.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLIESSMAN, Stephen Robert. **Agroecologia**: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Editora da Universidade, Porto Alegre, 2009.

GOOGLE MAPS. **Mapa da localização da Feira da Ponta Norte, Brasília-DF**. 2023a.

Disponível em: <https://goo.gl/maps/S5WaqWeK4H53riSg9>. Acesso em 12 jun. 2023.

GOOGLE MAPS. **Mapa da localização da Feira da Colina, Brasília-DF**. 2023b.

Disponível em: <https://goo.gl/maps/FxmnGfHKwFpTpxtg6>. Acesso em 12 jun. 2023.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 21. ed. Campinas: Papirus, 2012.

HARARI, Yuval. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução de Jorio Dauster. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das revoluções: Europa (1789-1848)**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

INSTAGRAM. **Captura de tela da página de Instagram da Feira da Ponta Norte**. 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/feirapontanorte/>. Acesso em 12 jun. 2023.

INSTAGRAM. **Captura de tela da página de Instagram da Feira da Colina**. 2023b. Disponível em: https://www.instagram.com/csa_mulheresreformaagraria/. Acesso em 12 jun. 2023.

IPCC (PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS). **Climate Change: The IPCC Scientific Assessment (1990)**. Cambridge University Press. Disponível em: https://archive.ipcc.ch/publications_and_data/publications_ipcc_first_assessment_1990_wg1.shtml. Acesso em 29 mai. 2023.

IPEA (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA). **Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. Brasília: IPEA, 2020, p. 7-8. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9678/1/TD_2538.pdf. Acesso em 9 jun. 2023.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, p. 341, 2011.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 3.0**. As forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano. Rio de Janeiro: Elsevier. 2010.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin. **Administração de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

KREMEN, Claire; ILES, Alastair; BACON, Christopher. Diversified Farming Systems: An Agroecological, Systems-Based Alternative to Modern Industrial Agriculture. **Ecology and Society**, v. 17, n. 4, p. 7, 2012. Disponível em: <https://scholarcommons.scu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1004&context=ess>. Acesso em 11 mai. 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAMINE, Claire. Sustainability and Resilience in Agrifood Systems: Reconnecting Agriculture, Food and the Environment. **Sociologia Ruralis**, v. 55, n. 1, p. 56, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdfdirect/10.1111/soru.12061>. Acesso em 9 jun. 2023.

LAYRARGUES, Philippe. É só reciclar? Reflexões para superar o conservadorismo pedagógico reprodutivista da educação ambiental e resíduos sólidos. In: RUSCHEINSKY, Aloisio; CALGARO, Cleide; WEBER, Thadeu (Org.). **Ética, Direito Socioambiental e Democracia**. Caxias do Sul: EDUCS, p. 194-211, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Philippe-Layrargues/publication/324993557_E_so_Reciclar_Reflexoes_para_superar_o_conservadorismo_pedagogico_reprodutivista_da_educacao_ambiental_e_residuos_solidos/links/5af08f62458515c28371847e/E-so-Reciclar-Reflexoes-para-superar-o-conservadorismo-pedagogico-reprodutivista-da-educacao-ambiental-e-residuos-solidos.pdf. Acesso em 28 mai. 2023.

- LEEDECKER, Charles. Historical dimensions of consumer research. **Historical Archaeology**, v. 25, p. 30-45, 1991. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03373513>. Acesso em 15 jun. 2023.
- LEONEL, Amália; MENASCHE, Renata. Comida, ato alimentar e outras reflexões consumidas. Contextos da Alimentação – **Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 3-13, São Paulo: Centro Universitário Senac, 2017. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2017/07/1.pdf>. Acesso em 8 jun. 2023.
- MACHADO, Luiz; MACHADO FILHO, Luiz. **A dialética da agroecologia**: Contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2017.
- MAGNANTI, Natal. Circuito Sul de circulação de alimentos da Rede Ecovida de Agroecologia. **Agriculturas**, v. 5, n. 2, p. 26-29, 2008. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/10/Artigo-5-Circuito-Sul-de-circula%C3%A7%C3%A3o-de-alimentos-da-Rede-Ecovida-de-Agroecologia.pdf>. Acesso em 23 jun. 2023.
- MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 99, p. 115, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/v4jhqtDxxrkmsrSkmKyjM8p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 mai. 2023.
- MINTZBERG, Henry. **Safári da Estratégia**. Porto Alegre: Bookman, p. 34, 2000.
- MORAES, Rodrigo Fracalossi de. **Agrotóxicos no Brasil: padrões de uso, política da regulação e prevenção da captura regulatória**. Brasília, Rio de Janeiro: Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2019. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9371/1/td_2506.pdf. Acesso em: 3 mai. 2023.
- MOREIRA, Rodrigo.; CARMO, Maristela. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura**, v. 51, n. 2, p. 37-56, 2004. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-4.pdf>. Acesso em 23 jun. 2023.
- MUNDO Segundo a Monsanto**. Direção: Marie-Monique Robin. Produção: Galaxie Presse, Image et Compagnie, WDR, Arte France. 2008. 108 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWxTrKlCMnk&t=4463s>. Acesso em 23 mai. 2023.
- O JOIO E O TRIGO. **Você sabe qual é a diferença entre agricultura orgânica e agroecologia?**, 2023. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2023/06/voce-sabe-qual-e-a-diferenca-entre-agricultura-organica-e-agroecologia/>. Acesso em 10 jun. 2023.
- ONU (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS). **The Sustainable Development Goals Report 2022**. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2022. Disponível em: https://unstats.un.org/sdgs/report/2022/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2022_Sp-anish.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.
- OMPI (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL). **Índice Global de Inovação 2022-15**. ed. Genebra: WIPO, 2022. Disponível em: <https://www.wipo.int/edocs/pubdocs/pt/wipo-pub-2000-2022-exec-pt-global-innovation-index-2022-15th-edition.pdf>. Acesso em 11 abr. 2023.
- OUR WORLD IN DATA*. **Cereal production, 1961 to 2021**, 2023. Disponível em: https://ourworldindata.org/grapher/cereal-production?tab=chart&country=Middle+Africa~OWID_WRL. Acesso em 21 jun. 2023.

- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2019**. PNUD: Nova York, 2019. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdr2019ptpdf.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- PINHEIRO, Sebastião. **Agroecologia 7.0**. Porto Alegre: Juquira Candiru Satyagraha, 2018.
- POHLMANN, Hermann. Homem Oriental: Community Supported agriculture como escultura social. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 4, n. 8, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3453/2474>. Acesso em 6 jun. 2023.
- PRIMAVESI, Ana. Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água. Palestra no Sindicato Rural de Itai (SINDAI). **Biológico**, São Paulo, v. 65, n. 1/2, p. 69-73, 2003. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/wp-content/uploads/2021/08/Revisao-do-conceito-de-agricultura-organica-Conservacao-do-solo-e-seu-efeito-sobre-a-agua-palestra.pdf>. Acesso em 18 jun. 2023.
- PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RAVASI, Davide; RINDOVA, Violina. Criação de Valor Simbólico. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9869/7138>. Acesso em 23 jun. 2023.
- RITCHIE, Hannah; RODÉS-GUIRAO, Lucas; MATHIEU, Edouard; GERBER, Marcel; ORTIZ-OSPINA, Esteban; HASELL, Joe; ROSER, Max. **Population Growth**. Our World in Data, 2023. Disponível em: <https://ourworldindata.org/population-growth>. Acesso em 9 mar. 2023.
- RITCHIE, Hannah; ROSER, Max. **Energy Production and Consumption**. Our World in Data, 2022a. Disponível em: <https://ourworldindata.org/energy-production-consumption>. Acesso em 14 abr. 2023.
- RITCHIE, Hannah; ROSER, Max. **Urbanization**. Our World in Data, 2022b. Disponível em: <https://ourworldindata.org/urbanization>. Acesso em 18 mai. 2023.
- RENTING, Henk; SCHERMER, Markus; ROSSI, Adanella. Building Food Democracy: Exploring Civic Food Networks and Newly Emerging Forms of Food Citizenship. **International Journal of Sociology of Agriculture and Food**, v. 19, p. 289-307, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/234719392_Building_Food_Democracy_Exploring_Civic_Food_Networks_and_Newly_Emerging_Forms_of_Food_Citizenship. Acesso em 3 jun. 2023.
- ROSSI, Adanella; BRUNORI, Gianluca. As cadeias curtas de abastecimento na inovação dos Grupos de Aquisições Solidárias (GAS): a construção social das práticas (alimentares) sustentáveis. In: GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio (orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 87. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232245/001020657.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 8 jun. 2023.
- SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Daniela.; POLLI, Henrique. A importância da agricultura orgânica para a saúde e o meio ambiente. **Revista Interface Tecnológica**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 505–516, 2020. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/825>. Acesso em 12 jul. 2023.

SOUSA, Carla; LIMA, Francisco; SABIONI, Sayonara. **Agroecologia**: métodos e técnicas para uma agricultura sustentável, v. 3. São Paulo: Científica digital, 2021, p. 101. Disponível em:

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1140374/1/2021-cpamt-sccb-importancia-boas-praticas-manejo-coleta-castanha-do-brasil-coletores-itauba.pdf>. Acesso em 26 mai. 2023.

STEFFEN, Will; SANDERSON, Angelina; TYSON, Peter; JÄGER, Jill; MATSON, Pamela; MOORE, Barrien; OLDFIELD, Frank; RICHARDSON, Katherine; SCHELLNHUBER, John; TURNER, Billie; WASSON, Robert. **Global change and the earth system**: a planet under pressure - executive summary, 2004. Disponível em:

http://www.igbp.net/download/18.1b8ae20512db692f2a680007761/1376383137895/IGBP_ExecSummary_eng.pdf. Acesso em 25 mai. 2023.

THE CABINET OFFICE. **Management of Value (MoV)**. The Stationary Office, 2010.

TREGGAR, Angela. Progressing knowledge in alternative and local food networks: Critical reflections and a research agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 27, n. 4, p. 422, 2011.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0743016711000507>. Acesso em 9 jun. 2023.

UNCTAD (CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO). **The state of commodity dependence**, 2023. Disponível em: <https://unctad.org/topic/commodities/state-of-commodity-dependence>. Acesso em 04 mai. 2023.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturado

Este roteiro é um instrumento de coleta de dados qualitativos que visam contribuir com o alcance da pesquisa intitulada “PERCEPÇÃO DE VALOR DOS CONSUMIDORES DE ALIMENTOS HORTIFRUTIGRANJEIROS NAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS DA PONTA NORTE E DA COLINA, BRASÍLIA-DF”. Para a participação na presente pesquisa foram definidos os seguintes critérios de seleção: seleção: (1) estar com algum indício - por exemplo, estar carregando sacolas características daquelas que são fornecidas pelos produtores - de que comprou alimentos na feira; (2) haver vivenciado o espaço da feira agroecológica; (3) ter disponibilidade para participar da pesquisa voluntariamente. Diante disso, seguem as perguntas-base para condução das entrevistas:

1. O que te motivou a vir na feira (da Colina ou da Ponta Norte) hoje?
2. Quais os benefícios em consumir os alimentos de hortifrutigranjeiros?
3. Quais os custos em consumir os alimentos de hortifrutigranjeiros?
4. Você conhece a palavra “Agroecologia”? Se sim, o que ela representa para você?

Apêndice B – Relatórios de campo

Os relatórios de campo foram feitos visando registrar a experiência vivida, a partir da observação participante, nas saídas de campo. Nesse sentido, os relatos foram feitos imediatamente após a experiência para aproveitar o máximo de informações possível, além de buscarem ser os mais completos e detalhados possível. Ademais, buscou-se questionar sobre as questões abordadas nas entrevistas semiestruturadas para apoiar a análise dos dados posteriormente, sendo os tópicos-chave para a organização do material para a análise de conteúdo são: motivação, benefícios e custos (relação de valor) e conhecimento sobre Agroecologia. Dentre os relatórios apresentados, o “Ponta norte 0” ocorreu durante a etapa de teste dos instrumentos de pesquisa, os demais ocorreram na etapa de aplicação dos instrumentos. Por fim, os relatórios foram primeiramente registrados através da ferramenta de áudio do *Google Docs*, sendo posteriormente relidos visando realizar as correções gramaticais e de conexão entre as ideias. Abaixo seguem os tópicos básicos para preenchimento dos relatórios.

1. Data e horário da saída de campo:
2. Feira em questão (da Colina ou Ponta Norte):
3. Pré-campo:
4. Durante o campo:
5. Pós-campo:
6. Principais reflexões das entrevistas: